



A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA

PELA BESTA FERA DO CAPITAL E
OUTROS CORDÉIS

Francisco Valter Pinheiro Gomes

(Ceará do Pará)

SOBRE O AUTOR

Ceará do Pará nasceu Francisco Valter Pinheiro Gomes, em Quixadá, pelas bandas do Ceará, idos da década de 1960. É pai de 12 filhos, avô de 10 netos e um bisneto. Aportou em terras paraóaras na transição dos anos das décadas de 1980-1990, em contexto marcado pela agenda neoliberal e recrudescimento da luta pela terra, quando sucedeu os massacres de Corumbiara, em Rondônia, em 1995 e Eldorado dos Carajás, Pará, em 1996.

Ceará foi observador privilegiado dos grandes acampamentos de camponeses em Marabá, deste período. Fato que deu origem ao seu primeiro livreto de cordel. Sentou praça no sul do estado, em Santa Maria das Barreiras, território marcado por aguda disputa pela terra. Foi militante do sindicato dos trabalhadores e da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Pará (Fetagri). Atualmente é dirigente do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) e estudante do Curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Campus Marabá.

A literatura de cordel o encanta desde criança. O recurso de tradição popular tem sido a lamparina pela qual Ceará do Pará tem alumiado a luta pela terra no sul e sudeste do Pará a partir de seus pares, e, a partir deste olhar, passa a História a contrapelo. Assim, como os seus conterrâneos que migraram para a Amazônia no século XIX, Ceará denuncia os abusos de poder, as mazelas das pelejas populares, bem como as formas de r-existência do universo campesino.



Fonte: Laboratório de Imagem, Som e Memória de Luta pela Terra na Amazônia. Labimlutas/Unifesspa



A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA

PELA BESTA FERA DO CAPITAL E
OUTROS CORDÉIS

Francisco Valter Pinheiro Gomes
(Ceará do Pará)

Copyright © 2023 by Francisco Valter Pinheiro Gomes

Luta pela Terra na Amazônia
Projeto de Extensão da Universidade Federal
do Oeste do Pará (UFOPA)

Rogério Almeida
(organização)

Instituições Parceiras

Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)
Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Marabá/PA
Unifesspa, Faculdade de Educação do Campo

Apoio

Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Marabá/PA

Desenho da Capa

Rildo Brasil
T.C Esteves (capa do 4º cordel)

Revisão

Fabíola Pinheiro
Maria de Nazaré Trindade

Revisão e Metrificação de Cordéis

José de Alencar Guimarães

Prefácio

Antônio Juraci Siqueira

Prólogo

Haroldo de Souza -Educação do Campo-
Unifesspa

Projeto Gráfico, diagramação e capa

Luciano Silva e Raissa Carvalho
www.rl2design.com.br

Extensionistas

Glenda Flávia Guimarães Cunha
Luana Vitória de Sousa Brito
Bianca Emanuelle Bezerra da Silva
Yasmin de Souza Corrêa

Dedos de Prosa

Fabíola Pinheiro (doutoranda Unir) –
escrita científica
Airton Pereira (prof. UEPA-Marabá) –
disputas pela terra em Santa Maria das
Barreiras/PA

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Francisco Valter Pinheiro

A destruição da Amazônia: pela besta
fera do capital e outros cordéis / Francisco
Valter Pinheiro Gomes. -- 1. ed. -- Santa-
rérm, PA: Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-79008-5

1. Amazônia 2. Campesinato - Brasil 3.
Cordel 4. Literatura de cordel I. Título.

23-170137

CDD-398.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura de cordel 398.5

Tábata Alves da Silva
Bibliotecária - CRB-8/9253



UFOPA

Aldenize Xavier
Reitora

Solange Ximenes
Vice Reitora

Ediene Pena Ferreira
**Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade
e Extensão (Procce)**

Ana Sarmento
**Coordenador do Instituto Ciência e
Sociedade (ICS)**

Amadeu Cavalcante
Vice Coordenador do ICS

Márcia Janete da Cunha Costa
**Coordenadora do Curso de Gestão Pública
e Desenvolvimento Regional (GPDR)**

Rogério Almeida
Vice coordenador do Curso de GPDR



EM HOMENAGEM

Aos numerosos migrantes que apartados
de suas terras de origem alcançaram a
Amazônia, e a adotaram como lar.



*“Meu cérebro se agita;
Minha mente fica culta;
Quando começo a pensar;
Em tanto tempo de luta;
Em toda esta região;
Tem conflitos e tem disputa.”*

O trecho acima é parte de mais uma escrita bem-aventurada no cordel: **“AS PELEJAS TERRITORIAIS EM CARAJÁS – A SAGA DO BICHO HOMEM CONTRA COM O CAPITAL”**, autoria de Francisco Valter Pinheiro Gomes, batizado em terras parauaras de Ceará do Pará e fruto colhido ao longo de uma viagem de campo do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Unifesspa, em fevereiro de 2023.

A rebeldia das letras, grafadas por Ceará, é típica dos ficantes migrantes nordestinos que aportaram no Sul e Sudeste do Pará. A promessa era de terra muita, mas que já era pouca, para gente muita.

Teimoso, além da terra, logo que chegou, Ceará viu sangue e percebeu que vertia da terra e da floresta, “(...) *foi João Canuto, foi Expedito, depois Chico Mendes(...)*”, ela em pé, nos seus dizeres encontros afora, traz paz e vida boa para muita gente, no chão é sanha cravada pela besta-fera do capital e desesperança.

Ceará não contou conversa, tomou lado e desde cedo, viu que o “negócio” era mel, peixe e agroecologia. Organizou acampamento, dirigiu associação, se articulou em movimento sempre mirando o futuro do trabalho na terra e da colheita farta e coletiva.

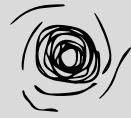
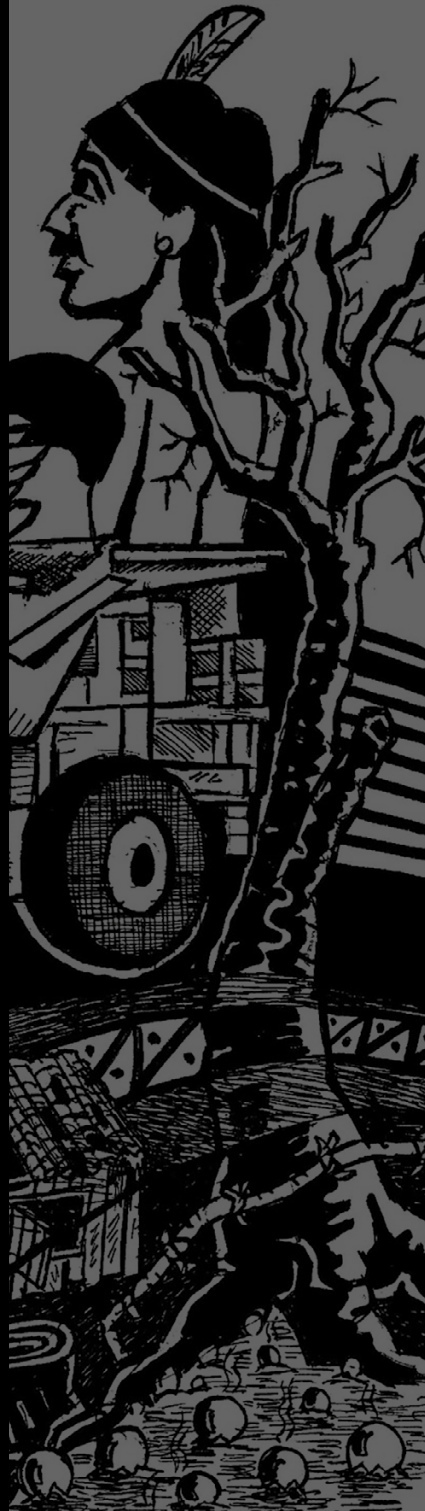
Ceará é sujeito portador de mensagem histórica, carrega fardos e os distribui em palavras, saberes e mel. Sua mais nova invenção foi chegar na universidade para inquietar e mostrar que é “(...) *na luta que a gente se encontra(...)*”.

Seu cordel traz inspiração que encanta, como do olhar que ri e mira certo o encontro virtuoso das palavras exalado em sonoridade bela, daquelas ditas no *pé do ouvido, que arrepiam e carregam multidões*. Ceará é sonoridade, inspiração e luta encarnada em versos.

O presente trabalho, organizado pelo camarada Rogério Almeida e discentes da UFOPA, é parte do nosso dever em não deixar os saberes dos povos morrerem, tampouco escapar da nossa tarefa de reafirmar que as letras não são monopólio de poucos, danem-se os organizadores da morte!

Haroldo de Souza

Marabá, 05/09/2023



SUMÁRIO

I PARTE

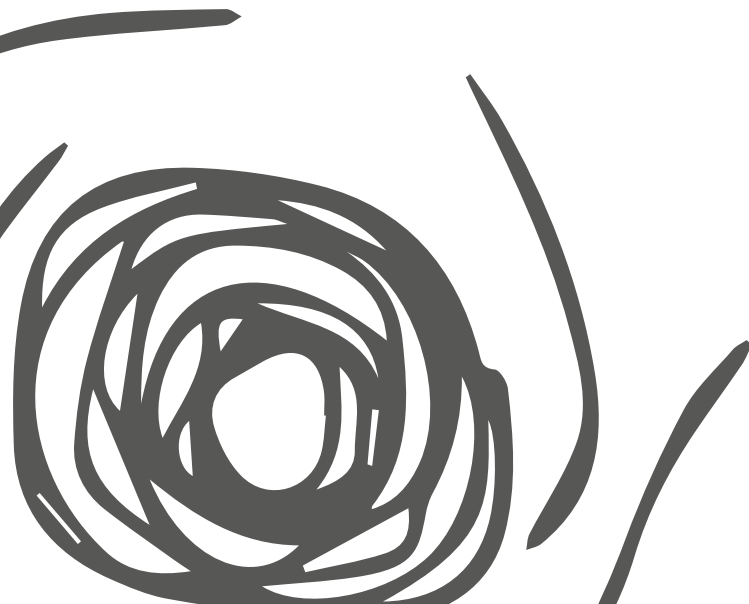
- 10 **PREFÁCIO**
- 12 **APRESENTAÇÃO**
- 17 **A INTERPRETAÇÃO SOBRE A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA PELA ÓTICA DO CORDELISTA CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES)**
Glenda Flávia Guimarães Cunha
Luana Vitória de Sousa Brito
Rogerio Almeida
- 43 **O CORDEL DE CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES) E AS PELEJAS CAMPONESAS NA ENCRUZA DESENVOLVIMENTISTA AMAZÔNICA**
Rogerio Almeida
Bianca Emanuelle Bezerra da Silva
Yasmin de Souza Corrêa
- 73 **ENTREVISTA: A AMAZÔNIA A PARTIR DA OUTRA MARGEM DO RIO**

II PARTE – CORDÉIS

- 91 **ACAMPAMENTO DE CAMPONESES EM MARABÁ DE 2001 – A PELEJA CONSTRUÍDA E CONTADA PELO TRABALHADOR RURAL**
- 115 **A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA PELA BESTA FERA DO CAPITAL**
- 131 **O DRACÃO DA MINERAÇÃO EM CARAJÁS**
- 143 **AS PELEJAS TERRITORIAIS EM CARAJÁS – A SAGA DO BICHO HOMEM CONTRA COM O CAPITAL**

PREFÁCIO

A Literatura de Cordel chegou na Amazônia pelas mãos do nordestino que aqui aportou para trabalhar em três ciclos distintos: o da borracha, o do peonato e o da mineração. E em todos esses ciclos os cordelistas nos legaram importantes registros de fatos históricos, políticos e culturais, como diz o mestre Vicente Salles no seu premiado Repente & Cordel, referência maior desse gênero entre nós:



“No Cordel, o poeta narra não só as tragédias dos seringais. Todos os motivos locais e nacionais, reais ou fictícios, atuais ou pretéritos, tradicionais ou não, fazem nascer dezenas de folhetos em versos”. Atualmente, o que mudou, em verdade, foi o enfoque, a missão do poeta continua a mesma, agora, em vez dos conflitos nos seringais, são os conflitos agrários e a devastação ambiental levada a cabo pela extração de madeira e pela mineração, como bem retrata a obra do também nordestino Francisco Valter Pinheiro Gomes, o Ceará do Pará, radicado em Santa Maria das Barreiras, nas obras: “Acampamento 2001”, “A Devastação da Amazônia”, “Impactos da Mineração” e “Pelejas Territoriais em Carajás”. O Cordel, mais uma vez, se faz instrumento de denúncia de problemas sociais e degradação do meio ambiente.

Meus votos de boas vindas e sucesso ao cordelista Ceará do Pará! Que seus versos repercutam e toquem a alma e o coração de quem os ler.

Antonio Juraci Siqueira

Poeta, professor e contador de histórias.

Belém, fevereiro de 2023



APRESENTAÇÃO

O poeta do povo, João do Vale, homem das barrancas do Maranhão, em sua sabença assim refletia sobre a vida no roçado, na canção batizada de Sina de Caboclo, “Eu sou um pobre caboclo/Ganho a vida na enxada/O que eu colho é dividido/Com quem não prantô nada.”

João danou-se de seu chão natal para a cidade grande no século passado. Comeu o pão que o diabo amassou até ser reconhecido nacionalmente. A partir de seu olhar de homem do sertão – pé rachado – apreendia a realidade em que vivia. Um mundo de exploração pelo “dono” da terra, que se apropriava de parte da produção do que não plantou.

Igualmente negro, Zé keti, poeta do morro, da cidade do Rio Janeiro, sobre a exclusão na cidade grande, assim versou em defesa de seu teto, “Podem me prender, podem me bater/Podem até deixar-me sem comer/Que eu não mudo de opinião/Daqui do morro eu não saio não”.

A História conta que o morro nasce a partir dos renegados da terra. Percebe-se o morro como a perpetuação da senzala no percurso de “modernização” do Brasil. Caminho assentado por permanências de privilégios.

O negro da roça e o negro do morro, em enlace dos dramas entre o campo e a cidade, a partir da poesia encarnada em canção, liam a própria realidade de forma crítica, para além das muralhas do mundo dito culto. Os negros dos brasis distantes, iguais em sua condição social, em plena ditadura militar, foram a ponta de lança do histórico espetáculo batizado de Opinião, no Rio de Janeiro.

A cantora Nara Leão, no primeiro momento, e Maria Betânia, em outra oportunidade, fizeram par com os artistas paridos pela exclusão que estrutura o país desde tempos coloniais. Situação que passa pelo controle da terra, acesso à educação, cultura, saúde e moradia, entre outras necessidades básicas.

Os senhores negros do sertão e do morro ousaram afrontar as cercas de privilégios, irromper com o monopólio da linguagem. Fazem recordar da necessidade de colocar fogo no engenho, como enfatiza um canto de afoxé entoado de Norte a Sul do Brasil.

A literatura de cordel de Francisco Gomes, o Ceará do Pará, faz par com esta lavra de poetas populares que assumem a barricada da poesia como forma de apreensão do contexto em que vivem, o questionam, o criticam e renegam os opressores.

E, a partir desta compreensão de classe colocada em condição de inferioridade por conta das enormes desigualdades do país, teimam na apropriação da linguagem, como recurso de afirmação como sujeitos políticos. Ceará, como outros/as, a exemplo do igualmente migrante, sindicalista e poeta, Expedito Ribeiro, assassinado no início dos anos de 1990, ousa registrar as violências físicas

e simbólicas que experimentam os pares do front de Carajás, no sudeste do Pará.

Há uma enormidade de homens e mulheres do campo popular ainda colocados como invisíveis; indígenas, camponeses, quilombolas, entre outras categorias. Aos poucos, suas artes ganham muros, páginas, as redes sociais, auditórios, etc.

Ceará é um deles, ao registrar as formas de resistência dos seus iguais, a exemplo do cordel que recupera a ação direta dos camponeses no início da década de 2000. Os grandes acampamentos de Marabá, como a ação ficou reconhecida, aglutinava perto de 20 mil pessoas na frente da sede do INCRA. O ato demonstra a enorme capacidade de organização do conjunto dos movimentos sociais ligados à luta pela terra, em plena conjuntura do avanço de políticas neoliberais.

As políticas públicas desenvolvimentistas impostas para a Amazônia também inquietam o cordelista. Nele, Ceará alumeia os sujeitos das pelejas das disputas pela terra, trata das violências, dos crimes contra os camponeses e camponesas e responsabiliza o Estado autoritário pelo avanço do capital sobre a fronteira.

Para além da pecuária, em outra obra, o migrante e sindicalista trata do poder da mineradora Vale, na região. Uma empresa maior que o estado do Pará. A mineradora expropria, proíbe acesso à terra, à floresta e ao rio. Vigia e processa os que ousam denunciar os seus abusos.

Ceará já foi cabra marcado para morrer, como conta em sua entrevista. Atualmente, é estudante do curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Campus de Marabá. Segue a teimar contra os muros altos.

Uma atividade de campo na Unifesspa foi a derradeira lavra de Ceará. Chegou em nossas mãos quando o livro já estava quase finalizado, ainda assim, resolvemos por incluí-lo.

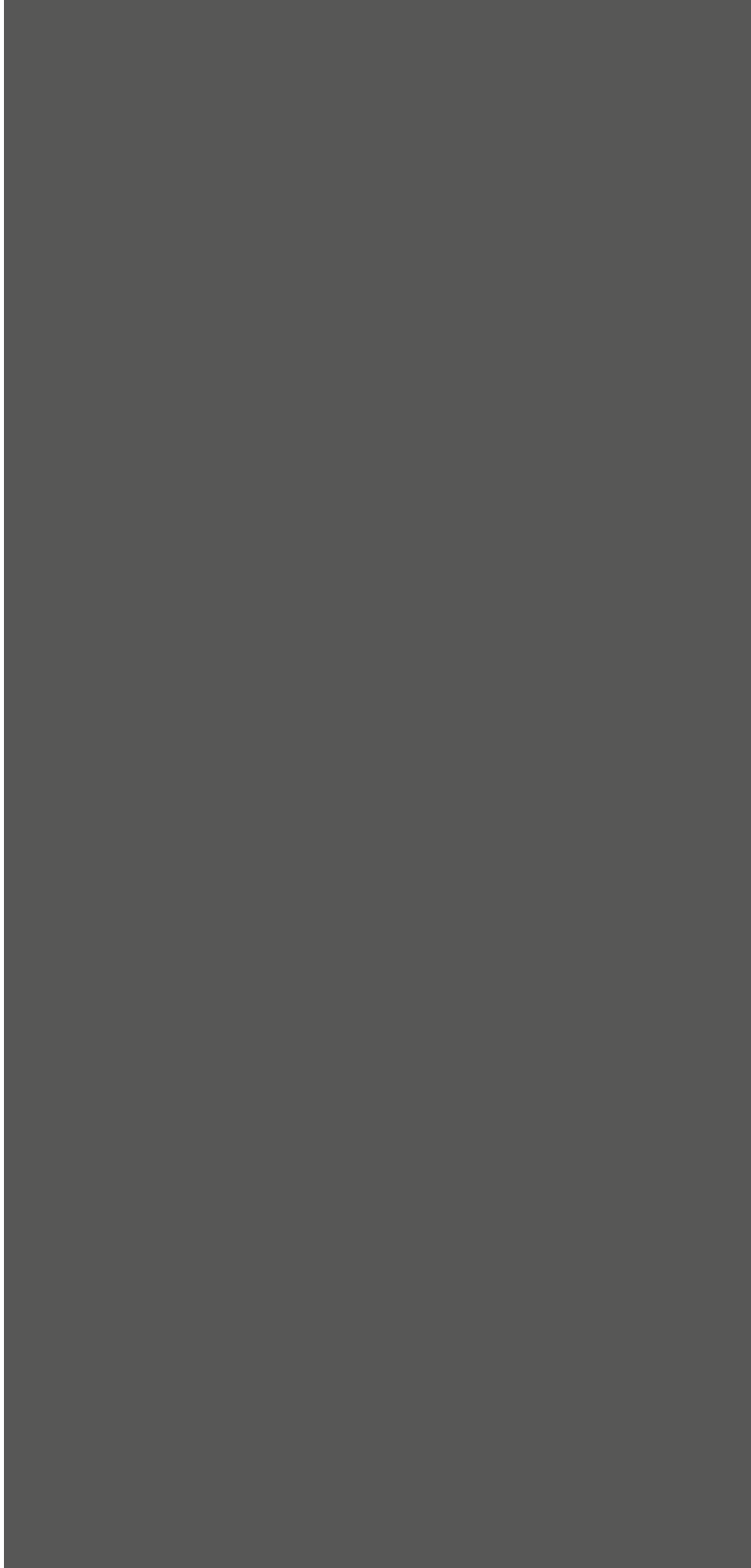
Para a compilação dos quatro livretos de cordel de Ceará, no sentido da produção de artigos sobre os cordéis, foram mobilizadas discentes do curso de graduação em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da UFOPA.

Ambos foram selecionados para a apresentação do Encontro Nacional da Rede Alcar¹, ocorrido em Niterói, no mês de agosto. O elevado preço das passagens aéreas, e outros custos inviabilizou a participação de um autor no evento.

O presente livro encontra-se assim organizado: prefácio, apresentação, os dois artigos produzidos no projeto de extensão Luta pela terra na Amazônia, uma entrevista com o autor e os respectivos cordéis. Como alerta o samba enredo da Mangueira de 2019, que exalta os sujeitos historicamente colocados em condições de subalternização: “É na luta que a gente se encontra!”.

Os cordéis de Ceará do Pará é uma lição, que a alerta a todos que a mão que lavra a terra, afronta as cercas do latifúndio, também se indispõe com as palavras, antes, monopólio de poucos.

¹ Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia.



A INTERPRETAÇÃO SOBRE A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA PELA ÓTICA DO CORDELISTA CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES)¹

Glenda Flávia Guimarães Cunha²

Luana Vitória de Sousa Brito³

RESUMO

O artigo reflete sobre os processos de destruição da Amazônia tendo como referência a obra de cordel “Destruição da Amazônia”, autoria do trabalhador rural e dirigente sindical Francisco Gomes, conhecido como Ceará do Pará. Na obra Ceará analisa de forma crítica os processos e sujeitos envolvidos nas arenas de disputa que conformam o cenário amazônico.

Palavras-chave: Comunicação Popular; Amazônia; Desenvolvimento; Resistência.

¹ Trabalho aprovado no GT História da Mídia Alternativa, integrante do XIV Encontro Nacional de História da Mídia, Niterói/RJ, realizado em agosto/2023.

² Graduada em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), membro da equipe do projeto de extensão Luta pela terra na Amazônia. Email: cunhaflavia15@gmail.com

³ Graduada em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), membro da equipe do projeto de extensão Luta pela terra na Amazônia. Email: luavitoriasb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Território, região, marca, estoque de riqueza, Eldorado, paraíso, fontes de vida. São várias as angulações, percepções e definições atribuídas à Amazônia ao longo dos séculos, seja por aventureiros, religiosos, estudiosos ou por seus habitantes. Para os geógrafos, se trata da principal floresta tropical do mundo, localizada em países como Bolívia, Equador, Colômbia, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana, Guiana Francesa, e Brasil, que abarca a maior porção da floresta. Além de ser o bioma que ocupa quase 50% do território nacional, e contempla três, das cinco divisões regionais (Norte, Nordeste e Centro – Oeste), tornando-se o maior bioma terrestre do país.

Para os sociólogos e historiadores é sinônimo de heterogeneidade, marcada pela diferença de aspectos socioculturais e riqueza de elementos, representando uma eterna fonte de conhecimento antropológico e uma lição de diversidade. Já para os indígenas, quilombolas, pescadores, agricultores e ribeirinhos, a Amazônia significa casa, sustento, abrigo e herança. É de onde vem a dança, a música e as receitas culinárias que compõem a maior parte do que, orgulhosamente chamamos de “cultura brasileira”. Cosmologias próprias, singulares.

Entretanto, apesar do conjunto de estudos, é seguro dizer que os outros países pouco sabem sobre a Amazônia, que só manifestam interesse pelas suas terras, floresta, subsolo e rios pelo viés capitalista, no sentido de incorporá-la aos circuitos globais aquilo que ainda não foi mercantilizado. Gilberto Marques (2019) chama a atenção de que a Amazônia se encontra presa em um ciclo de commodities,

cercada de elites predatórias dominadas de fora e dominantes para dentro. O autor explica que a Amazônia é tratada como se dependesse mais do sistema (em relação à produção de mercadorias), do que este dela, o que não procede. Marques (2019, p. 16) exemplifica com casos brasileiros o que sociólogo argentino Horácio Machado Araóz abstrai:

O capitalismo não admite adjetivações, é simplesmente isso: um regime de relações sociais que fagocita as energias vitais com o meio de acumulação pretensamente do valor abstrato. Nesse processo, consome a vitalidade da terra e a humanidade do humano.

Por sua vez, Porto-Gonçalves (2001, p. 12) ensaia que, desde a incorporação da Amazonia à vida moderna, a região tem sido mais vista pela ótica dos colonizadores do que de seus próprios habitantes. Conforme descreve Ugarte (2003), a região amazônica foi tocada pela primeira vez por europeus em fevereiro de 1500. Comandava a expedição o espanhol Vicente Yanez Pinzon. Naquele momento, “iniciou-se uma cadeia de encontros – seguidos imediatamente de confrontos – com os nativos” (UGARTE, 2003, p. 05).

Os indígenas da região amazônica protagonizaram o primeiro choque de cultura de muitos que viriam, assim como, também, o primeiro ato de opressão e violência contra os povos nativos. Desde então, a Amazônia tem sido vista como um lugar “atrasado” e seus moradores primitivos, “não civilizados” e até mesmo, preguiçosos, por não buscarem os mesmos sistemas de organização e estruturas que encontramos na cidade moderna.

Além disso, a construção de sentidos sobre os moradores da Amazônia residia em classificá-los como seres incapazes de edificar formas de aprimoramento e desenvolvimento da sua própria habitação, necessitando assim, da ajuda e contribuição de setores externos, detentores de tecnologias e recursos diferenciados das que existem na região (Imazon, 2015).

Em vista dos fatos, entende Porto-Gonçalves (2001) que habitar o espaço amazônico é um desafio à intelectualidade e à capacidade de coexistir com a diversidade. Nesse sentido, para compreender a Amazônia – ou as várias realidades presentes na região, as “Amazônias”, como define o autor – é preciso não dissociar sociedade e natureza, considerando uma produção de conhecimento a partir da sabedoria dos próprios sujeitos sociais, isto é, os próprios habitantes da Amazônia. Portanto, esse estudo realiza uma análise a partir de relatos feitos pelo cordelista Francisco Valter Pinheiro Gomes, ou, como gosta de ser chamado, o Ceará do Pará.

Partindo disso, o cordelista, camponês e sindicalista ao longo de sua trajetória, produziu cordéis que expressam a mais genuína revolta contra conjuntura de injustiças que lhe cerca, além de dar voz à luta pelo direito à moradia, terra e trabalho. Almeida et al (2022) o define como:

Autor de outros cordéis sobre a Amazônia, os versos de Ceará optam em fazer uma reflexão crítica sobre a integração da região ao circuito da economia mundial. Ele traduz a partir de suas vivências, as dinâmicas marcadas pela expropriação de seus pares, a concentração da terra e a chegada do estranho à região. Traduz em sua sabe-

doria a transformação da terra de trabalho (valor de uso) em terra de negócio (valor de troca), e adverte sobre a destruição da floresta (ALMEIDA et al., 2022, p. 29).

Nesta unidade analisaremos o Cordel intitulado “Destruição da Amazônia”, esmiuçando os temas expostos nos versos. O cordel foi escrito em 2016, mas só foi publicado em 2018. Coube a Thiago Cruz diagramar e à Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Marabá/PA viabilizar a impressão. Francisco Gomes, ao ser questionado em entrevista concedida às extensionistas do projeto Luta pela Terra na Amazônia, disse que a literatura de cordel é uma forma de honrar suas raízes e a memórias daqueles que tiveram papel importante na luta popular e contar as histórias que não podem ser esquecidas.

O cordel “Destruição da Amazônia” interpreta as políticas desenvolvimentistas implementadas para promover o suposto desenvolvimento econômico da região. Ceará do Pará descreveu, a partir do seu olhar, as mudanças socioterritoriais, a derrubada da mata para dar lugar à monocultura de grãos, o aumento da pecuária, dentre outras atividades que provocaram a devastação da floresta e a expropriação da população local.

Nas palavras dele, o cordel apresenta uma linguagem crítica e documental, que visa evidenciar a história do campesinato, dos indígenas e dos quilombolas. Além disso, destaca que a Amazônia “nunca foi, nem nunca será terra vazia, nunca, jamais! Porque todo mundo sabe que aqui tem gente, tem bicho, tem diversidade. Como posso considerar isso terra de ninguém?” (Ceará do Pará, 2023).

Cordel: Destruição da Amazônia, por Francisco (Valter-Gomes)

No primeiro verso do cordel Francisco Gomes reflete:

A destruição da Amazônia
começou com fazendeiros
com grande extensão de terra
vigiada por pistoleiros
com recursos da SUDAM
isto foi muito dinheiro.

A Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) foi uma estrutura organizacional criada pelo governo federal em 1966, durante o governo do presidente Castelo Branco. Surgiu em substituição à outra autarquia denominada Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), criada em 1953, por Getúlio Vargas, também com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico da Amazônia⁴. A SUDAM foi estabelecida para desempenhar a função de “planejar e promover a execução e controlar a ação federal na Amazônia” (SUDAM, 1968a, p. 03), além de objetivar a promoção do “desenvolvimento autossustentado da economia e o bem-estar social da região amazônica”, de forma “harmônica e integrada à economia nacional” (SUDAM, 1968a, p. 01).

⁴ A política de Getúlio Vargas é considerada como a primeira experiência de política pública com vistas a “desenvolver” a região amazônica. Como tantas outras têm na geopolítica a sua baliza.

Porém, a realidade é evidenciada no cordel do Ceará quando expõe:

O pretexto da SUDAM
 era o desenvolvimento
 no Sul do Pará fizeram
 logo um acampamento
 promovendo a miséria
 e trazendo muito tormento
 Derrubaram as nossas matas
 patrimônio nacional expulsaram seringueiros
 com força descomunal e nosso extrativistas
 ainda hoje passa mal

O governo fez da SUDAM um dispositivo legal que não só conduzia as ações estatais no que concerne à administração e exploração das riquezas naturais, mas também, viabilizava a inserção da iniciativa privada através da política de incentivo fiscais, regulamentada pela Lei nº 5174, de 27 de outubro de 1966 e, conforme determina o Art. 1º:

Na forma da legislação fiscal aplicável, gozarão as pessoas jurídicas, até o exercício de 1982, inclusive, de isenção do imposto de renda e quaisquer adicionais a que estiverem sujeitas, nas bases a seguir fixadas, com relação aos resultados financeiros obtidos de empreendimentos econômicos situados na área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia e por esta considerados de interesse para o desenvolvimento da Região Amazônica (BRASIL, 1966).

Evidentemente, a regulamentação desse dispositivo resultou na apropriação de grandes extensões de terras da Amazônia, e de modo conseqüente, no aumento da derrubada de imensas áreas de floresta, na concentração fundiária e no surgimento de conflitos no campo (BATISTA, 2021). Em outras palavras, esse processo de posse de terra e modificação das paisagens florestais foi resultado de uma política de Estado que permitia e impulsionava o setor privado a explorar a diversidade de recursos naturais da região.

Então, como foi muito bem expresso pelo cordelista, a SUDAM tinha o pretexto de desenvolvimento, no entanto, ao desconsiderar os aspectos sociais e ambientais, proporcionou a expropriação das populações tradicionais como ribeirinhos, quilombolas, indígenas, seringueiros, extrativistas e outros, da região, as deixando sem terra e sem condições de sua reprodução econômica, social, política e cultural.

Os próximos versos do cordel abordarão outra temática que Ceará correlaciona com a destruição da Amazônia: a abertura da Transamazônica, que somou 50 anos de existência. Representa o projeto de integração física da região a partir das rodovias. A opção redimensionou a configuração do espaço e da sociedade amazônica, em claro favorecimento às frações de classes da burguesia nacional e mundial, onde constam madeireiros, construtores, pecuaristas, comerciantes de maquinários e empresas mineradoras.

Com abertura da Transamazônica
começou a entrega
das terras de união
os burgueses e fazendeiros
vindo de outras regiões.

Quando olho rodovia
a tristeza me consome
foi aí por esta estrada
que ainda hoje tem o nome
que trouxe homem sem terra
para terra sem homem

A narrativa de cordel expressa de forma ímpar os efeitos que a abertura da Transamazônica teve na vida das populações residentes na região. A construção desse grande projeto iniciou em 1970, sendo hoje um legado da ditadura civil militar. Ela conta com 4.223 km de extensão e percorre sete estados, a partir do Porto de Cabedelo, no litoral da Paraíba, até Lábrea, na região sul do Amazonas.

O trecho mencionado no cordel “homem sem terra para terra sem homem” era o slogan da campanha que o governo militar promoveu para incentivar a política de ocupação da Amazônia, impulsionando o fluxo migratório das regiões Nordeste e Sul para a região Norte. Esse período foi marcado pela entrega de terras para que os migrantes da agricultura familiar produzissem seus gêneros agrícolas. Uma tentativa de amenizar as tensões sociais naquelas regiões.

No caso do Nordeste, além das secas, pesou a existência das Ligas Camponesas⁵, enquanto no Sul, o vetor

⁵ As ligas camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964. Fonte: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ligas-camponesas>.

de expropriação foi a Revolução Verde⁶. A construção da Transamazônica implicou em destruição das florestas e na violação dos direitos daqueles que viviam à margem da rodovia, como manifesta Ceará nos seguintes versos:

Homens vindos do Nordeste
fugindo da seca e da fome
procurando terra fértil para produzir seu pão,
mas em vez de liberdade
acharam escravidão.

Estes homens que vieram
eram bons agricultores
fizeram uma abertura
perto do seu barracão
uma roça para plantar
o arroz muito milho e feijão.

Vivendo abandonado
na beira da rodovia
o que tinha com fartura
era somente água fria
e a malária era
sempre sua companhia.

O efeito do empreendimento estatal está refletido nas transformações que ocorreram nos territórios onde a Transamazônica passa. Velho (2009) destaca que o avan-

⁶ Trata-se de um pacote tecnológico introduzido no setor da agricultura capitalista a partir dos anos de 1960. É neste momento que surgem as sementes geneticamente modificadas.

ço da frente agrícola sempre esteve ligado à abertura de estradas e caminhos que fizessem conexão com as principais vias de transportes e comunicação. Outro ponto que é acentuado nos versos é o sistema de exploração montado em Marabá, que permitia a prática relativamente liberada da violência, seja na apropriação de terra ou na manutenção do sistema de exploração da mão de obra, marcando de forma característica todas as relações em geral, sendo raras as exceções em que a justiça e a política moldavam-se à situação (VELHO, 2009). Essa dinâmica de exploração é descrita no cordel com mais precisão quando Ceará relata que os barões chegaram expulsando os camponeses de suas terras:

Olha aqui a escritura
eu posso até de provar
quem concedeu para mim
foi o governo federa
você vai sai daqui
por que preciso explorar

Mas se não quiser sair
Fique como agregado
Que te pago bom salário
para derrubar o mato
o camponês e extrativista
disse: isso é boato

Foram expulsos da terra
por esta especulação
das terras da rodovia

para fundar as cidades
e os nossos camponês
fica sem propriedade.

Com mão de obra farta
foi fácil para os barões,
entrar derrubando a mata
com gesto de escravidão
que foi este o grande mal
de toda esta região

Dando continuidade à análise do cordel:

Aí veio o agronegócio
para implantar a ação
dizendo que vaca branca
dava a sustentação
com dinheiro do governo
começaram criação.

Aí a destruição
começou acontecer
queimadas descontroladas
pra ver o pasto crescer
Destruindo fauna e flora
Como todos podem ver.

A política regional dos anos 1970 foi a que, efetivamente, integrou a Amazônia aos circuitos econômicos nacionais e globais. Uma integração subordinada. Mesquita (2009) argumenta que a expansão da produção agrícola e

a ocupação do espaço estiveram relacionadas à abertura da fronteira agrícola pelos posseiros, voltada para a agricultura familiar. A sequência de ocupação nessa etapa envolveu a agricultura itinerante, seguida pela pecuária em pequena escala, liderada por agentes do capital mercantil e/ou urbano. Posteriormente, as grandes empresas capitalistas de outras regiões do país conseguiram se apropriar de milhões de hectares por meio do acesso às terras públicas subsidiadas pelo Estado (MESQUITA, 2009).

A luta de classes é elemento recorrente nos versos de Ceará, sobre os movimentos ambientalistas protagonizados por diferentes sujeitos da região e a UDR, consta que:

Foi aí criado
o movimento ambiental
pra proteger a floresta
deste desastre fatal
e a UDR, também
montou seu arsenal.

Aos nossos ambientalistas
foi feito grandes caçadas,
a quem tentasse proteger
a floresta ameaçada
pelo uma bala de rifle
sua cabeça era rachada.

Assassinaram seringueiros
e garimpeiros nossos irmãos
e as pequenas propriedades
foi mira dos barões

até mesmo o Chico Mendes
foi pra esta execução.

Mataram o ambientalista
com truculência voraz
e os pequenos proprietários
com força do capataz
foram expulsos das parcelas
sem poder voltar atrás.

Nesses versos há três temas que precisam ser abordados. Primeiro, os movimentos ambientalistas que surgiram como uma forma de denunciar a destruição da biodiversidade e a exploração dos trabalhadores rurais, extrativistas e seringueiros. A partir de 1980 quando começou a ficar evidente o cenário de destruição causado pelo avanço da fronteira do capital sobre o território amazônico. Estes sujeitos sociais (trabalhadores rurais, extrativistas, indígenas e seringueiros) se mobilizaram para defender o meio ambiente, bem como defender o direito a terra, os direitos humanos e a garantia das condições de vida já existentes. Aliança dos Povos da Floresta foi o termo adotado à época.

Allegretti (2008) refere-se ao movimento seringueiro como um dos mais conhecidos e estudados da região, no qual seu elemento inovador foi a luta contra o desmatamento e a sinalização para uma reforma agrária a partir dos sujeitos locais. A terra, o rio e a floresta eram elementos essenciais à reprodução dos seringueiros. Território ambicionado pelos fazendeiros.

Nesse sentido, a bandeira do movimento dos seringueiros e aliados era a floresta em pé, protegendo seu modo de vida e o meio ambiente, de forma organizada e mobilizada contra as ameaças externas. O reconhecimento político ocorre no fim dos anos de 1980, quando emerge a proposta de criação das Reservas Extrativistas (Resexs) como modelo de reforma agrária tipicamente amazônica. Experiência forjada pelos Povos da Floresta.

Como reação contrária a esse movimento e outras representações populares, a União Democrática Ruralista (UDR) manifestou-se como uma entidade associativa organizada por grandes proprietários de terra e empresários rurais. Uma de suas bandeiras era a luta contra a reforma agrária no Brasil, além de ser uma forte oponente do avanço do campo popular e de frações da Igreja Católica, que, por sua vez, encontrava-se fortalecida junto aos trabalhadores rurais através de sua atuação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Movimento de Educação de Base (MEB) e nas Pastorais da Terra (BRUNO, 1996).

Ainda conforme a revisão de Bruno (1996), a UDR deixou como marca registrada o uso da violência para “proteger” a propriedade privada fundiária e solucionar a questão dos conflitos de terra, sendo uma ameaça à vida daqueles que estivessem a frente dos movimentos sociais e ambientalistas.

No livro *Luta pela Terra na Amazônia*, a UDR é descrita como:

[...] braço armado dos ruralistas. A organização foi articulada pelo médico e ruralista Ronaldo Caiado. Hoje,

novamente, governador do estado do Goiás. A UDR assina inúmeras ações de violência que ceifaram a vida de posseiros, sindicalistas, agentes pastorais e advogados. Neste processo de coerção em oposição à luta pela terra em paragens amazônicas, somam militares de todas as estirpes e patentes das forças armadas, relevo ao Exército, e as polícias civil e militar, a engrossarem fileiras com a pistolagem (ALMEIDA et al, 2022, p. 27).

Essa obra apresenta diversos relatos de casos de assassinatos que ocorreram em território amazônico, onde a UDR é responsável por parte, se não pela maioria das mortes de ambientalistas, posseiros, sindicalistas, militantes e religiosos.

Partindo desse cenário de violência, outro tema que tem que ser destacado nesse estudo, e que foi mencionado no cordel do Ceará é a morte e vida de Chico Mendes. Seringueiro, ambientalista, sindicalista e símbolo da luta pela preservação da Amazônia; essas são algumas das descrições que podem se aplicar ao grande homem que foi Chico Mendes. Nascido em 15 de dezembro de 1944, Chico Mendes dedicou sua vida à luta pelas causas que acreditava, foi o grande articulador do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), defensor dos povos tradicionais da floresta, além de ser um seringueiro com influência em nível nacional e internacional (ALMEIDA et al., 2022, p. 159).

Outro caso de assassinato que é aludido na obra *Luta pela Terra na Amazônia* é o da Irmã Dorothy Stang. Ela era freira católica e agente da CPT, que lutou pelos direitos dos

camponeses e pela manutenção da floresta como fonte de vida e, conseqüentemente, a garantia da subsistência de gerações futuras. Ela foi assassinada em 2005 com seis tiros à queima-roupa (ALMEIDA et al., 2022) por pistoleiros contratados por fazendeiros locais que se opunham ao seu trabalho. Sua morte provocou indignação internacional e chamou a atenção para a questão dos conflitos de terra e da violência na região amazônica. Nos versos do cordel, Ceará do Pará narra o fato com pesar:

Com Chico assassinado
a revolta aumentou
na cidade de anapú com força, fé e amor
irmã Dorothy com bravura
outra luta ali travou.

A irmãzinha das matas
dos pobres e das nascentes
dos pequenos e dos rios
e que defendia a natureza e a gente
só por que fazia isso
os fazendeiros irados a mataram cruelmente.

Observem companheiros
como tudo se passou
quem tentou defender as matas
sua cabeça rolou.
Mas de Chico Mendes a Dorothy
a história não mudou.

Ainda explorando as ocorrências de assassinatos resultantes dos conflitos de terra na Amazônia, Ceará do Pará cita também José Cláudio e Maria como vítimas da violência na expansão do capital:

[...] encontraram duas vítimas
bem perto de Marabá.

Os pistoleiros chegaram
com toda a tirania
atiram em José
depois mataram Maria
e os corpos de mais dois ambientalistas
tombaram na terra fria

José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo trabalhavam com a terra e com a floresta, por isso, se identificavam como agricultores e extrativistas reconheciam a importância da floresta em pé e protegida do desmatamento e da queimada. O casal carregava o conhecimento dos seus ancestrais de como usar a floresta de forma sustentável, viveram uma vida simples, mas digna, e estiveram envolvidos em movimentos sociais desde a década de 1990, onde trabalhavam em diálogo com universidades e ONGs, com vistas a promover a justiça social, potencializar a organização local e a produção sustentável por meio da agricultura e do extrativismo (ALMEIDA et al., 2022). José e Maria foram executados em uma tocaia no dia 24 de maio de 2011, no projeto de assentamento agroextrativista Praia Alta-Piranheira, no município de Nova Ipixuna, no sudeste do estado.

Além de José Claudio e Maria, outras vítimas da violência no campo são mencionadas por Ceará do Pará:

Continuando a falar
de todos fazendeiros
sua organização
pra matar trabalhador
em todo esta região.

O alvo era sindicalista
começou em Rio Maria
assassinaram Expedito
Com grande selvageria
João Canuto também
com a maior covardia.

Para além das rodovias, mineração e a pecuária extensiva, no projeto desenvolvimentista para a Amazônia constava a construção de hidrelétricas que causam impactos sociais e ambientais de grande escala. Seguindo o estudo das causas da destruição da Amazônia, Ceará do Pará entende que:

A destruição das matas
por hidrelétrica é um afronte,
construindo capital
também fazendo desmonte
de quem estava nas áreas
como foi em Belo Monte.

Em Tucuruí também
ali não há alegria
com a construção da barragem
veja só aqui que tirania:
moram debaixo da rede,
mas não consegue energia.
Esta destruição toda
em nome do crescimento,
afogando a floresta
e cobrindo nossos alimentos,
onde os índios e os extrativistas
tiravam seu sustento

A construção das hidrelétricas de Tucuruí, na década de 1980, no rio Tocantins, e de Belo Monte, nos anos recentes, no rio Xingu, ambas localizadas no Pará, têm gerado grandes impactos sociais e ambientais às populações locais, onde consta a expropriação de suas terras, baixa indenização, supressão da floresta, especulação imobiliária, e alteração nos ciclos de reprodução dos peixes. Em termos sociais, as hidrelétricas de Tucuruí e Belo Monte têm provocado deslocamentos forçados de populações locais, principalmente de comunidades indígenas e ribeirinhas, e com isso o rompimento dos laços de solidariedade, compadrio e vizinhança.

Os impactos socioeconômicos desses deslocamentos são significativos, uma vez que muitas dessas comunidades dependem da pesca, da agricultura e da coleta de frutos para a subsistência. Além disso, as comunidades locais, muitas das vezes não são adequadamente compensadas

pelos danos causados, e não têm acesso a informações precisas sobre os impactos das obras.

Rodovias, ferrovias, pecuária extensiva, mineração e polo de produção de ferro gusa constam no portfólio de morte da integração da Amazônia. O polo de gusa fez parte da agenda do Programa Grande Carajás (PGC) nos anos de 1980, destruição ambiental e trabalho análogo à escravidão constaram na experiência de gusa em Carajás. Sobre a questão, Ceará pondera que:

Agora as siderúrgicas estão
causando outro mal onde tinha
mata virgem hoje estão plantando
pau para cortar e queimar
o desastre é sem igual.

O projeto do capital
é ferro gusa em questão
e que estão obtendo lucro fácil
com toda essa invenção
onde tira o eucalipto fica a desertificação.

Foi a partir de 1990 que a produção de guseiras sofreu um deslocamento regional significativo, com a instalação das primeiras fábricas na Amazônia Oriental, nos municípios de Açailândia (MA) e Marabá (PA), (CARNEIRO, 2008). E mais uma vez, a chegada de um novo modelo de produção na Amazônia, incluindo seus impactos devastadores de floresta, foi ligada aos incentivos fiscais e subsídios que o governo federal forneceu como parte do Programa Gran-

de Carajás. Carneiro (2008) observa que, quando houve esse deslocamento da indústria de ferro para a Amazônia, já existia casos de trabalho escravo, o que era motivo de debate referente aos modelos de implementação do capitalismo na região. Sendo assim, evidencia-se através dos versos de Ceará que a mão de obra explorada, dentre outros fatores sociais e ambientais, fez parte do coeficiente para a obtenção de “lucro fácil” das siderúrgicas, o que denota formas de acumulação primitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia é uma região de importância crucial para o equilíbrio ambiental do planeta, uma vez que é um dos maiores biomas do mundo e abriga uma exuberante biodiversidade. No entanto, desde o início da colonização até os dias atuais, a região enfrenta diversos fatores de destruição que ameaçam a sua sobrevivência, tais como, as políticas de ocupação da Amazônia pautadas na concentração de capital e favorecimento de frações de classe fomentaram a construção de rodovias, ferrovias, hidrelétricas e o avanço da fronteira agrícola e a exploração mineral.

As políticas de ocupação da Amazônia, que incentivaram a colonização e a exploração da região por meio de incentivos fiscais e financeiros, tiveram um impacto significativo no desmatamento e na destruição do ecossistema, bem como das violências físicas e simbólicas contra as populações locais. Além disso, a construção de estradas e ferrovias na região facilitaram o acesso de madeireiros, garimpeiros e grileiros e fazendeiros, aumentando

ainda mais a pressão sobre a floresta com a anuência de Estado autoritário.

A construção de hidrelétricas provocou impactos significativos na região, uma vez que envolve o alagamento de grandes áreas de floresta e deslocamento de comunidades tradicionais. Agrega ainda efeitos negativos sobre a biodiversidade e a qualidade da água.

O avanço da fronteira agrícola na Amazônia é outra ameaça importante para a região, uma vez que a expansão da pecuária e das plantações de soja e outras commodities agrícolas têm sido responsáveis por grandes áreas de desmatamento. Além disso, o uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes químicos também tem um impacto negativo na saúde dos moradores, nos rios e na biodiversidade.

Diante desses fatores de destruição, é fundamental adotar medidas que visem a conservação e a proteção da Amazônia, tais como, a criação de Unidades de Conservação, a regularização fundiária, o fortalecimento da fiscalização ambiental, o incentivo às boas práticas agrícolas, a garantia dos territórios dos sujeitos locais e o fortalecimento das suas organizações políticas, sociais, econômicas e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEGRETTI, Mary. A construção social de políticas públicas. Chico Mendes. Editora UFPR. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 18, p. 39-59, jul./dez. 2008.

ALMEIDA, Rogério et al. **Luta na terra pela Amazônia: Vivos na luta pela terra! Mortos na luta pela terra!** Santarém: [s.n.], 2022.

ASSIS, William Santos. **A Construção Da Representação Dos Trabalhadores Rurais No Sudeste Paraense**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2007.

BATISTA, Iane M. O 1º PLANO QUINQUENAL DE DESENVOLVIMENTO DA SUDAM (1967-1971) E O DESFLORESTAMENTO NA AMAZÔNIA. **Jamaxi**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/5596>. Acesso em: 4 mar. 2023.

BRASIL. Lei Nº 5.174, de 27 de outubro de 1996. **Dispõe sobre a concessão de incentivos em favor da Região Amazônica e dá outras providências**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

BRUNO, R. Revisitando a UDR: ação política, ideologia e representação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 40, p. 69-89, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72151>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio. Crítica social e responsabilização empresarial: Análise das estratégias para a legitimação da produção siderúrgica na Amazônia oriental. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 323-336, Maio/Ago. de 2008.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 17 abr. 2023.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

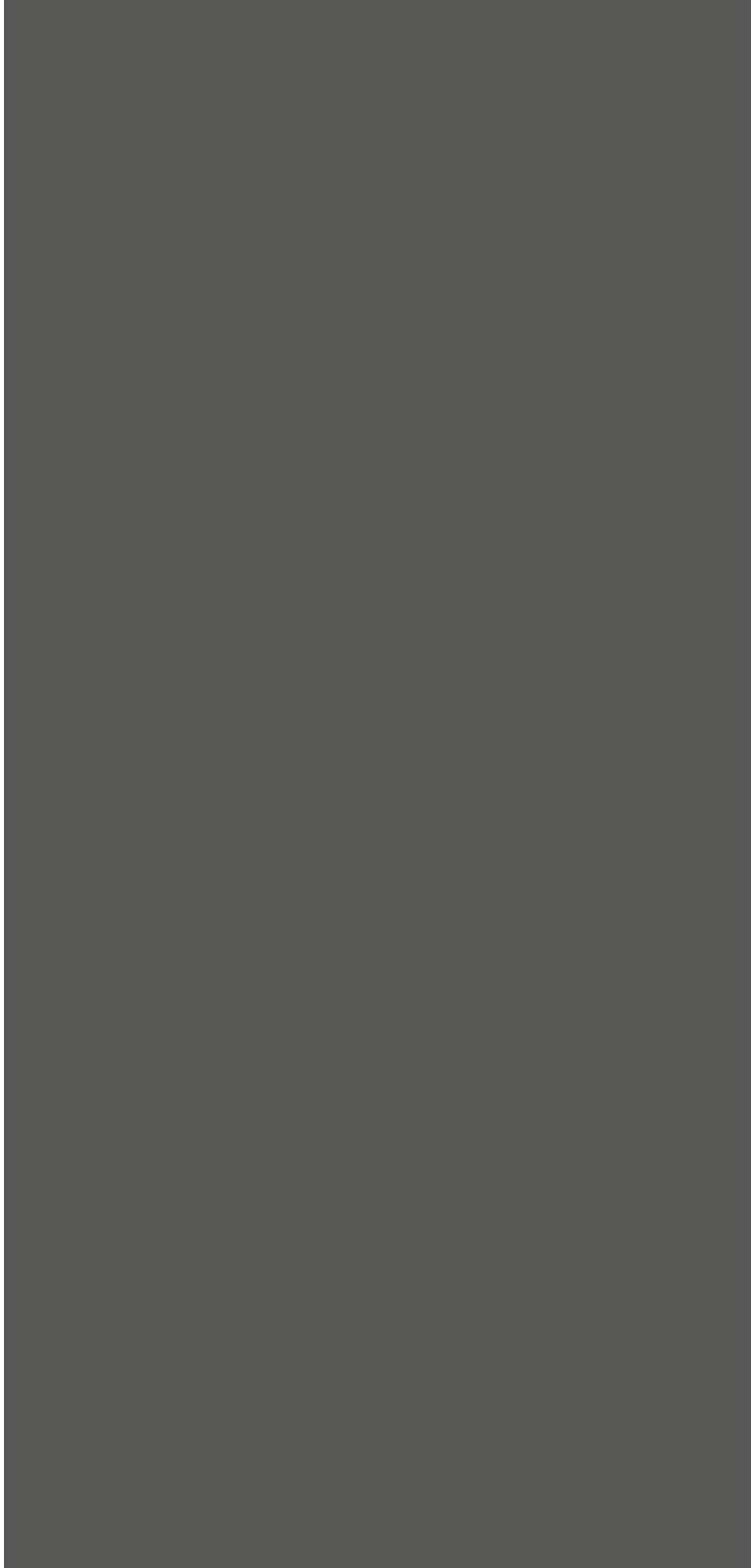
PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

Mesquita, B. A. de. Demanda por alimentos e as consequências na Amazônia brasileira “sucesso” do agronegócio e tragédia do desmatamento. **12ª Encuentro de Geógrafos de América Latina**; Montevideu, Uruguai, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Procesosambientales/Impactoambiental/81.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

PARQUIS, R. et al. “Reforma agrária” na Amazônia: balanço e perspectivas. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 83-96, jan./abr. 2005.

VELHO, O. G. A Transamazônica Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica. **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, Rio de Janeiro, p. 139-153, 2009.





O CORDEL DE CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES) E AS PELEJAS CAMPONESAS NA ENCRUZA DESENVOLVIMENTISTA AMAZÔNICA¹

Rogério Almeida²

Bianca Emanuelle Bezerra da Silva³

Yasmin de Souza Corrêa⁴

RESUMO

O artigo analisa dois livretos de cordel produzidos por Francisco Gomes, conhecido como Ceará do Pará, onde ele reflete sobre as políticas de desenvolvimento impostas à Amazônia e os impactos que elas provocam junto às populações locais.

Palavras-chave: Comunicação Popular. Amazônia. Desenvolvimento. Resistência.

¹ Resultado de projeto de extensão da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), A representação da Amazônia na literatura de cordel do Ceará do Pará. (Francisco Gomes).

² Doutor em Geografia Humana pela Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas (USP). Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Orcid : <https://orcid.org/my=orcid?orcid=0000-0001-8513-315X>. Email: araguaia_tocantins@hotmail.com

³ Graduanda em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), membro da equipe do projeto de extensão. Orcid: Bianca Emanuelle Bezerra (0009-0000-8929-9325) - ORCID Email: silva-biancaemanuelle@gmail.com

⁴ Graduanda em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), membro da equipe do projeto de extensão. Orcid: Yasmin Corrêa (0009-0004-9859-3541) - ORCIDEmail: yasmincorreasouza00@gmail.com

INTRODUÇÃO

A trova medieval europeia dos séculos XI e XII é considerada como o ponto de partida da chamada literatura de cordel. Todavia, é com a Revolução Industrial e a criação da imprensa que o folheto produzido com papel ordinário e de preço acessível inicia a sua popularização. Nesta conjuntura promove a vulgarização de temas considerados monopólio de catedráticos, a exemplo do pensamento de Ariosto e de Tasso, e mesmo clássicos da literatura grega e latina, que ganham as praças e mercados a partir dos pregoeiros da época na Itália, na França e na Península Ibérica. Nasce ao mesmo tempo marcado pela oralidade e o registro escrito, pontuam Marques e Silva (2016) e Marques (2022).

Conforme os referidos autores, o livreto na Itália era conhecido como “libretti muriccioli”, enquanto na França, idos dos séculos XVI e XVII, a denominação adotada era literatura de “colportage” e livrinhos da Biblioteca Azul. Na Espanha, a comunicação de verve popular era conhecida como “pliegos sueltos”; as folhas volantes ou soltas e ainda, literatura de cordel, predominaram em Portugal. Estas representam o arquétipo da experiência nordestina nos anos finais do século XIX. Assis (2022), ao investigar a experiência portuguesa e a sua relação com o Brasil, recorda que a obra do dramaturgo e poeta português Gil Vicente tem como suporte inicial tais folhetos.

Se nas paragens nacionais tínhamos como referência o Cego Aderaldo, pelas bandas de Portugal do século XVI, registra Assis (2022), o cego atendia pelo nome de Baltasar Dias. O autor escrevia tanto em prosa, quanto em verso, e

contava com a anuência e simpatia do Rei D. João III. Além de Dias, outros cegos usavam do mesmo recurso de comunicação, que em terra lusa, também veio a ser conhecida como literatura dos cegos.

D’Olive (2010, p. 05) ratifica o peso da oralidade na construção da poesia de cordel, segundo o autor:

A recitação, desse modo, é um fator fundamental no cordel. A estrutura com rimas e métricas bem marcadas configura uma rítmica que é importante no momento da declamação dos folhetos pelos poetas. Essa estrutura fixa marca a relação com o oral no cordel. Os folhetos, geralmente, são organizados em versos de sete sílabas métricas com estrofes de seis ou sete versos, com um esquema de rima estabilizado.

Para além da oralidade ibérica, Marques e Silva (2016) apontam para a influência africana na composição da literatura cordelista, onde sublinham, a partir dos escritos de Gilberto Freyre, em Casa Grande e Senzala, a importância das “negras velhas” e das “amas de leite” na tradição de contação de histórias. Aventuras e desventuras contadas e recontadas em andanças pelas fazendas da época.

Com relação à metrificação, a Academia Brasileira de Cordel, em seu site, sinaliza para a existência, entre outras possibilidades, do quadrão, sextilhas, setilhas, décimas e do martelo agalopado, onde deve existir na composição poética a inquietação com a rima e o com o rigor da divisão silábica. A tabela abaixo aponta os modelos e as suas respectivas características, onde temos:

Tabela 01 – Metrificação e características do verso de cordel

MÉTRICA	CARACTERÍSTICAS
Parcela ou Verso de quatro sílabas	Palavras não podem ser longas. É o mais curto conhecido na literatura de cordel.
Verso de cinco sílabas	A parcela de cinco sílabas era cantada também em ritmo acelerado, exigindo do repentista, grande rapidez de raciocínio.
Estrofe de quatro versos de sete sílabas	Aqui as rimas acontecem no 2º e no 4º verso. Modalidade permite palavras maiores comparadas a "Parcela".
Quadrão	Os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si.
Sextilhas	Estrofe de seis versos. Quarto e o sexto versos rimando entre si, deixando orfãos o primeiro, terceiro e quinto versos.
Setilha	Estrofes de sete versos, de sete sílabas. Marcado pela riqueza rítmica.
Oito pés de quadrão ou Oitavas	Estrofe de oito versos compostos de sete sílabas. A diferença dessas estrofes de cunho popular para as de linha clássica está apenas a disposição das rimas. O 5º e o 8º verso são orfãos de rimas.
Décimas	Dez versos de dez sílabas. Forma esta que em questão de uso fica somente atrás das sextilhas.
Martelo Agalopado	Estrofes dez versos de dez sílabas, é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel.
Meia Quadra	Versos de quinze sílabas. As rimas são emparelhadas e os versos compostos.

Fonte: Santana, Aquino e Morende (2018:06).

O cordel em solo pátrio possui um caráter contestador e de inconformismo diante das injustiças sociais e dos desmandos dos poderosos, o que o diferencia dos seus avós europeus. A poesia tende a revisitar a história oficial do Brasil e da humanidade, a partir da perspectiva das classes colocadas em condições de subalternização, assim reflete Marques (2022). Passa a história a contrapelo. O referido autor avalia que, esses poetas, porta-vozes do povo, ao dar visibilidade aos sujeitos subalternizados e oprimidos da nossa história, sinalizam a comunicação cordelista como processo de decolonialidade.

Para além dos autores populares, reconhecidos escritores como Ariano Suassuna, Ferreira Gullar, Bráulio Tavares, Jarid Arraes, Juraci Siqueira, em Belém/PA, o poeta, jornalista e dramaturgo de São Luís, Maranhão, César Teixeira, lançam mão do recurso como ferramenta de comunicação do campo popular em alinhamento com as agendas dos sujeitos historicamente marginalizados, ou como recurso de ironia e pilhéria contra as representações de poder. Para além da luta de classes, tem sido usado como um recurso pedagógico em diversas áreas, a exemplo da saúde e do meio ambiente, como o fez o médico e ambientalista paraense Camilo Viana, como realça (SALLES, 1985).

O cordel na Amazônia

Fenômenos naturais, a exemplo das secas, como a ocorrida em 1877, assim como as políticas públicas de integração e de ocupação da Amazônia são elementos que colaboram para o entendimento sobre o deslocamento de nordestinos para a Amazônia, adverte Vicente Salles

(1985) que, ao analisar o repente e a literatura de cordel na região amazônica, ilumina sobre a hegemonia da região bragantina, a nordeste do estado, sob a influência do Atlântico, e o papel de vanguarda da editora Guajarina na edição dos livretos.

Nestas toadas de deslocamentos de nordestinos para a economia gomífera, no recorte temporal dos anos vindouros do século XIX e começo da República, o trabalho extenuante na vida dos seringais será o tema privilegiado de trovadores e cordelistas.

Salles (1985, p.117-118), no processo de reconstrução da trajetória dos nordestinos e de suas manifestações culturais, informa que os folhetos daquele momento histórico tinham como pauta a dura existência do nordestino nos seringais, em geral propriedade de outros nordestinos, ou de empresas que se vinculavam, por dependência, ao capitalismo externo. O autor referencia que os notáveis cordelistas dos primeiros anos da República recuperam a presença na Amazônia, em particular, no estado do Pará, do Cego Aderaldo e de Patativa do Assaré, ainda no fulgor dos seus 20 anos de idade.

Neste sentido, as narrativas dos livretos ganham uma nuance de verve sociológica, em que é possível identificar os sujeitos que ocupam as arenas de poder, e de onde emergem temas como as disputas pela terra e pelas riquezas da região, marcadas pela superexploração do trabalho, ou o trabalho análogo à escravidão. E, ainda, a integração subordinada da região aos circuitos da economia global, na condição de exportador de matéria prima.

Nesta direção, o historiador realça o folheto "O Rigor no Amazonas", de Firmino Teixeira do Amaral, de 30 sex-

tilhas. Aqui destacaremos alguns versos onde podemos constatar a decadência do surto econômico da economia gomífera, a superexploração do trabalho, as condições insalubres de trabalho, a escravidão por dívida nos barracões (aviamento) e a violência extrema, com a eliminação dos seringueiros pelo seringalistas.

Lá bebi gota de fel, Daquele bem amargoso,
Dei graças a Deus sahir,

Me julgo bem venturoso;
Hoje sei que o Amazonas
É um sonho vil,
enganoso!

Até mesmo os patrões
Que se aviam na praça
Hoje perderam o credito
Estão roendo a desgraça;
Fregueses lhes dão banana
Quando algum por ele passa

Sobre a “esperteza” dos patrões, as estrofes refletem que:

Os patrões dizem assim
Quando querem iludir,
Mostram vantagem ao freguez
Para elle subir;
Para ir é muito facil
O diabo é para vir

As estrofes a seguir tratam do desencantamento do seringueiro diante do ambiente hostil

Vão chorar arrependidos
A hora do nascimento,
Maldizem a cruel sorte
Pelo atroz sofrimento
E esperam na barraca
A morte em cada momento

A lacta do Amazonas
Para quem tem saldo ou não
Não há quem seja feliz
Tendo um patrão ladrão
Que com uma bala de rifle
Paga o saldo do cristão

Ainda conforme a mesma fonte, sobre os que sobreviveram aos infortúnios do seringal, os versos registram:

Quem de lá volta com vida
E quatro contos na mala,
Escapou do beribéri
Das embocada, da
bala,
Pode crer que todo dia
Com Deus e os anjos
fala.

Lá luctei e tive sorte
 Em sahir de tal cadeia,
 Porque lá vi se matar
 Gente no ricor da peia!
 Fui tão feliz quanto Jonas
 No ventre duma baleia.

Salles (1985, p.122) realça que, após a crise de 1910, alguns feudos prosperaram com o extrativismo da borracha, sementes oleaginosas, madeiras, lavouras e criatórios. O Baixo Amazonas abrigava boa parte destas propriedades, constituindo-se feudos dos chamados coronéis de barranco. Para estes territórios, a cada seca no Nordeste, outra leva de migrantes sucedia, em particular dos estados do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Paraíba.

Salles (1985, p. 123) sublinha que, a partir do ano de 1920, as situações de tensão recrudescem entre migrantes e coronéis de barranco, a exemplo da Revolta do Jari⁵, antagonizada entre o grileiro, político e latifundiário José Júlio de Andrade e seringueiros capitaneados por Cesário Medeiros.

Estrofe de cordel assinado por Sebastião Recifeense sobre a brutalidade do latifundiário, crava:

O senador José Julio
 tinha no seu seringal
 muita gente escravizada
 morrendo, passando mal

⁵ Região de fronteira entre os estados do Pará e Amapá, o Baixo Amazonas.

e o fim quasi sempre
era na certa fatal.

A centralidade do Estado é fundamental para a colonização induzida na década de 1940, quando da II Guerra Mundial, momento em que os nordestinos foram recrutados pelo SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores), na condição de “soldados da borracha”, em alinhamento aos aliados. Uma vez mais é a configuração da geopolítica que impõe à Amazônia a sua condição colonial. Condição ratificada em todas as experiências de políticas públicas impostas a partir da demanda externa, mesmo nos dias atuais, independente da coloração ideológica do governo.

O território amazônico e as riquezas nele existentes mobilizam inúmeras redes, em diferentes escalas (local, regional, estadual, nacional e mundial). Sublinhe-se a rede de ilegalidades, onde possuem relevância grileiros de terras, madeireiros, garimpeiros, narcotraficantes, pistoleiros, traficantes de pessoas e da biodiversidade. Rede marcada pela simbiose entre agentes privados e públicos. É a Amazônia um espaço da ilegalidade por excelência, por conta da extensa fronteira e fragilidade institucional?⁶

Neste passo, no campo da construção de sentidos sobre a região, tem sido privilegiado um enquadramento que a considera como estoque de riqueza, Eldorado ou inferno verde; enquanto os seus habitantes, desde os primeiros relatos dos primeiros colonizadores, enquadrados como

⁶ Almeida, Santos e Sousa. Amazônia(s) em rede (s): Rádios da Amazônia protagonizam comunicação alternativa a partir da Rádio Rural de Santarém, (2018, p. 905).

representações do atraso, desprovidos de conhecimento e sem a capacidade de gerir as próprias vidas.

Sob tal horizonte, o colonizador impôs aos nativos a catequese, a escravidão, a invisibilidade e o extermínio. Outro recurso recai sobre o discurso de vazio demográfico, que permanece como elemento constituinte e orientador das políticas desenvolvimentistas.

O território vazio de suas gentes justifica a posse, a desconsiderar as civilizações complexas que convivem com a floresta desde pelo menos 11 mil anos antes de cristo, como atestam os registros da Caverna da Pedra Pintada, na cidade de Monte Alegre, no Baixo Amazonas paraense.

Ocorre que essas gentes formam barricadas em várias frentes, dentre elas, a comunicação, onde produzem empates, romarias, puxiruns, rádios comunitárias, jornais, cartazes, fotos, filmes, peças de teatro, místicas, sites, ocupam as redes sociais, forjam livros e cordéis. Há sabença no caminhar, muitas das vezes, desconsiderada ou ignorada pelas academias, com os olhos e alma voltadas para outro Norte, a considerar outras gramáticas, epistemologias e cosmologias.

Os cordéis de Ceará do Pará, o senhor Francisco

O processo migratório de nordestinos para a Amazônia não se restringiu ao surto econômico da borracha. À cada política pública desenvolvimentista, um novo deslocamento sucedia, onde a grande inflexão é creditada ao período da ditadura civil- militar (1964-1985), a partir das grandes obras de infraestrutura de integração física da região, e a busca em arrefecer movimentos sociais pela reforma agrá-

ria de outras regiões do país, a exemplo das Ligas Camponezas, que colocavam à prova as oligarquias do Nordeste.

Além das políticas públicas, a ideia de enriquecimento fácil em garimpos, como registrado no garimpo de Serra Pelada, processo mobilizado pela construção simbólica da região como um Eldorado, são elementos que conformam um momento da economia induzido pelo Estado, que privilegiou grandes empresas nacionais e internacionais, na expansão da fronteira agromineral, como analisa Hebéte (2004).

Francisco Valter Pinheiro Gomes, natural de terra de cantadores, Quixadá, no Ceará é filho, neto e bisneto de agricultores, é um destes migrantes. Possui 12 irmãos. Muita gente para terra pouca e árida. Foi casado duas vezes. A propaganda do governo de “terra sem homens para homens sem-terra” o motivou, no fim dos anos de 1980, a migrar para o Pará. Naquele momento, o governo ditatorial impunha o Programa Grande Carajás (PGC). Uma nova fase de territorialização do grande capital na região, e, por consequência, expropriação das populações locais; reedição de formas de acumulação primitiva do capital, como explica Marx. Um processo eivado por toda ordem de violência.

Ceará do Pará, como é popularmente conhecido, sentou praça lá pelas bandas de Santa Maria das Barreiras, sul do estado. Uma região imortalizada pela violência da luta pela terra. Antes, porém, passou uns dias em Fortaleza, onde trabalhou na cantina da Universidade Estadual do Ceará (UEC), onde teve contato com militantes políticos de centros acadêmicos e de diretórios estudantis.

Já pelas barrancas do estado do Pará, foi na ocupação da fazenda Agropecus que Ceará somou fileiras e ocupa

papel de liderança. Nesta condição, foi ameaçado de morte. Colaborou na organização de associação, fez parte da direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município e da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Pará (Fetagri) Sul. Em 2023, iniciou a graduação em Educação do Campo, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), com sede em Marabá.

Em entrevista, Ceará explica que, para escapar de ameaças de morte, chegou a dormir no mato várias vezes, contudo, quando o clima ficou insustentável, teve de sair da região. Ele explica que, no caso da ocupação em que fez parte, a principal ameaça vinha de madeireiros. Atualmente, o cordelista dirige o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). A peleja no momento reside em permanecer na terra e incrementar a produção.

O autor fala com orgulho do cordel. Advoga que está no sangue de cearense, onde defende a máxima: "se a gente não escrever a nossa História, quem vai escrever". Então, assim, em 2001, nasce o primeiro livreto, o que descreve a experiência da ação direta e de massa dos grandes acampamentos de camponeses realizados em frente à sede do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) de Marabá.

As ações chegaram a durar meses e aglutinavam perto de 20 mil pessoas, em uma estratégia de rotatividade entre acampamento, ocupações e assentamentos. Em seguida elaborou outro que versa sobre os impactos da mineração em Carajás protagonizados pela Vale (2011), e por último, um que reflete sobre a destruição da Amazônia (2018), onde indica o papel autoritário do Estado, o aceno ao grande capital nacional e mundial, e as institucionalidades criadas pelo governo.

Aqui sublinharemos sobre os grandes acampamentos e a mineração. O primeiro trata do enfrentamento com o Estado, na figura do INCRA, e o segundo com o grande capital, encarnado na figura da mineradora Vale, uma das maiores mineradoras do mundo, que opera em Carajás desde os anos de 1980.

O cordel dos grandes acampamentos

A década de 1990 é marcada por vários aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais singulares. Ressalta-se o ocaso da experiência do socialismo soviético, por consequência, o triunfo do capital como processo civilizatório em escala planetária, que indicava na agenda mundial aos países do capitalismo periférico uma pauta neoliberal, onde a ordem residia em privatizar e no controle fiscal, em um ambiente marcado pelo incremento das tecnologias da informação e de comunicação, que irá conferir ao capital um novo status.

Nesta conjuntura sob os ditames das agências multilaterais, em particular o Banco Mundial, a reforma agrária é alçada à pauta de mercado. O país ainda respirava o odor do regime ditatorial civil-militar. Na Amazônia, dois massacres de camponeses, Corumbiara em Rondônia (1995) e Eldorado de Carajás, no Pará (1996) evidenciam a permanência da violência como elemento estruturante do avanço do capital sobre a região, Almeida (2012).

No sudeste do Pará, sindicatos de camponeses e o MST, além de outras organizações agitavam a luta pela terra. Ações que contavam com o apoio de ONGs, partidos políticos, instituições de assessoria, a exemplo da Sociedade

Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (Cepasp) e a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e a Fundação Agroecológica do Tocantins Araguaia (FATA), que criaram o FERA (Fórum de Entidades pela Reforma Agrária).

A convergência destes sujeitos e o autoritarismo do INCRA serviram de cimento para a realização dos grandes acampamentos de camponeses. Até 1996, os recursos do INCRA voltavam por ausência de demanda. Após as ações, o recurso passou a não atender a demanda, Almeida (2012).

Sobre os sujeitos que integraram a organização do acampamento, Ceará, assim

Versa:

Toda a representação
Veio por merecer
Tava as associação
A FETAGRI e a CPT

Lembrando bem desta data
Para eu não esquecer
O Sindicato também tava,
Junto com o MST

Até àquele momento histórico, o orçamento no INCRA consistia em reunião de prefeitos da região com a direção da instituição. Os trabalhadores rurais eram excluídos. Sobre os sujeitos das primeiras negociações, Ceará recorda, entre pilhéria contra autoridades, e simpatia pelos seus:

Estava José Lima
Deputado estadual
Fazendo pra todo mundo
Um discurso teatral,
E o Darwin Boerner Júnior
Com uma cara de pau.

Estava do nosso lado
O Batista da CPT
O Nonatinho da FETAGRI
Que é PT pra valer,
E também o Parazinho
Que é do MST.

O acampamento era possível por conta de uma engenhosa organização realizada a partir de núcleos de base de ocupações e de projetos de assentamentos, que desembocava na efetivação de comissões setoriais por município, onde se tem grupos mobilizados sob os temas da saúde, da infraestrutura, da educação, da segurança, da comunicação, da animação e da negociação, entre outras.

O pátio do INCRA era dividido pelos 39 núcleos de representações dos municípios que conformam as regiões do sul e sudeste. Um boletim diário era produzido e circulava a partir de e-mails de pessoas de referência que podiam ajudar na pressão política das representações e na replicação em outros meios de comunicação da capital do estado e fora dele. Alguns boletins chegaram a servir de base de discursos no Congresso Nacional em apoio das demandas dos camponeses do Araguaia-Tocantins. Anos

iniciais da internet. Havia uma rádio “boca de ferro” no acampamento e músicos. A rádio consistia em uma mesa de som rústica e alto-falantes colocados em locais estratégicos. Como relata Ceará:

Toda noite era uma festa
 Sem ter o que comemorar
 Mas pra esquecer a mazela
 Que estava a nos esperar
 Então com o som do Manelito
 Começamos logo a dançar
 Na nossa luta diária
 Passando raiva
 e malária Naquele sol de
 escaldar

A postura da coordenação do INCRA era de descontentamento com a ação dos camponeses e a visibilidade em todo o estado do acampamento de sem-terra na frente da instituição, e, mesmo em grandes jornais do país. Após inúmeras situações de tensão, a direção do instituto abandonou as negociações. Assim, Ceará narra a conjuntura, e avalia a postura do governo:

Foi feita outra assembléia
 Com as associações,
 E nossos sindicatos
 Para tomar uma decisão
 De sair pra cidade
 Mostrar a situação.

Sáimos em passeata,
Do Incra para Marabá.
Cerca de dez mil pessoas,
Ali podia contar.
Todos falando em voz alta:
O grito "ACORDA
PARÁ!"

Contornamos Marabá
Mostrando insatisfação;
Dos nossos
trabalhadores Com
aquela intransiçãõ
Parece que esse governo
Só governa pra ladrão.

Desde os anos da década de 1960 os governos privilegiaram políticas desenvolvimentistas pautadas em polos. Um arremedo copiado tanto de experiências estadunidenses dos anos de 1930, como europeia, do pós-guerra. Nesta direção a ditadura civil-militar impôs além de uma integração física orientada a partir de rodovia, os polos madeireiro, de pecuária extensiva, energia e mineração, como os principais da agenda.

No estado do Pará, o extrativismo mineral representa o maior peso na economia. Pode-se dizer que a atividade representa quase a totalidade do Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Nos meios de comunicação convencionais do Pará, os passivos sociais e ambientais resultante da atividade são silenciados. É justo sobre o presente ambiente que as rimas cordelistas de Ceará incidem, a hipertrofia do poder da Vale.

O cordel da Mineração

Monteiro (2005) ao revisar o processo mineral na Amazônia, alerta para a exploração das reservas de minério de manganês na Serra do Navio, no território federal do Amapá, como o marco do início da dinâmica industrial de valorização dos recursos minerais da Amazônia oriental brasileira. A prospecção da mina ocorreu num contexto marcado pela instauração de um novo regime político e por uma reorientação das relações protegidas entre o Estado e a economia. A extração durou duas décadas, deixando, literalmente, somente o buraco.

Como realçado antes, o estado autoritário, a partir de uma conjuntura geopolítica e sob a doutrina de segurança nacional, estabeleceu políticas de polo de desenvolvimento, onde a extração de minérios era uma das prioridades. Amapá, Trombetas e Carajás constavam nos planos de exploração, o que sedimentou o minério como o principal item da balança comercial do estado do Pará, em particular, por conta das minas de minérios (ferro, níquel, ouro, cobre), em Carajás.

Nesta região, a mineradora Vale possui hegemonia na conformação do território. É, praticamente, um estado dentro do estado do Pará. É ela, por conta da exploração do subsolo, que conecta o local aos circuitos globais de commodities, a expropriar as populações locais, onde constam indígenas, camponeses e quilombolas, desde as minas do sertão do Pará, por meio de ferrovia, ao litoral do Maranhão, em São Luís, que sedia os portos.

Não há dúvida do papel hegemônico na definição das territorialidades que tem a CVRD (Vale) no sudeste paraense. Os estudos de Coelho (1997) alertam para o pro-

tagonismo da Companhia, seja no controle de uma vasta área através de definição de reservas ambientais, seja no processo de controle ou cooptação de trabalhadores rurais, como no caso do Assentamento Gelado. A autora indica que entre as modalidades de comando do território da CVRD na região, ocorrem áreas fechadas, florestas nacionais, áreas de proteção ambiental e reservas indígenas, onde a desigualdade marca o processo entre os centros de interesse da CVRD e do seu entorno.

É esta situação de hipertrofia de poder que o cordel de Ceará tenta interpretar a partir de suas vivências e sabença. Aqui, elencaremos algumas estrofes do livreto.

O império da Vale avançou para a floresta,
Escavando e pesquisando
Aquilo que ainda resta,
De riqueza em nossas áreas,
Veja se esta história presta!

Expulsaram com força bruta,
Os pobres e os camponês,
Comprando por mincharia a terra por sua vez,
Dizendo-o, o subsolo não pertence a vocês.

Sobre a expropriação que a mineradora
promove em Carajás, Ceará assim filosofa:

O povo sem entender toda aquela falação,
Dos doutores de gravata que veio da mineração,
Ameaçando os agricultores de toda essa região
Viemos para a cidade,

Compramos uma barraquinha,
Lá na ponta da rua que nem luz e água tinha,
Nem quintal para criar os porcos e as galinhas.

Vendi os meus animais por não ter onde criar,
Os meninos na escola sem ter como estudar,
E eu sem terra também para poder trabalhar.

Fiquei na periferia,
Vagando o destino meu,
As coisas valorizaram,
Só quem não valeu foi eu,
Mais a Vale e a Onça Puma cada vez mais se ergueu.

Apesar do poder da Vale, há resistência às expropriações que ela promove na região. Todavia, a força da empresa e do capital promove, no interior dos coletivos, cooptações e fragmentações, a exemplo do que ocorreu em uma comunidade conhecida como Racha Placa ou Mozartópolis, onde, perto de 100 famílias foram expulsas por conta do maior projeto do portfólio da mineradora, o S11D, localizado em Canaã dos Carajás, que, ao contrário dos escritos bíblicos, não jorra mel ou leite. O projeto explora ferro. Ferro de melhor teor do mundo. E a ferro e fogo a Vale trata as populações nas terras de Carajás.

As terras dos meus vizinhos,
Foram mais valorizadas,
Principalmente aqueles que resistiram a empreitada,
Dizendo num saio daqui,
Aqui é minha morada.

Mas os agentes da vale,
Vinham todos de uma vez,
Com o dinheiro e dizendo,
Aproveita a tua vez,
Por que dinheiro é o que não falta para pagar vocês.

Dizia o compadre Chico,
Com muito amor e altivez,
Eu nunca vou vender minha terra pra vocês,
Mas a oferta aumentava e cada vez mais eu pensava naquela oferta
outra vez.
Ele dizia consigo: quando aqueles cobra vier,
Vou pedir um preço alto,
Quem sabe heim ô muié,
Se eles num desiste e larga do meu pé?

No outro dia os agentes,
Voltaram com a decisão,
Diga quanto quer na terra,
Que te pagarei então.

Aí eu disse: é dez vez,
O que pagaste pro João.

O agente disse, tá feito,
Vou te pagar nesta hora,
Quientos mil tou te dando,
Agora a terra é minha,
Ponha-se daqui pra fora.

Eu fui na cidade as pressas em busca de um caminhão,
 Com meio milhão no bolso,
 Com toda animação,
 E comprei um barraquinho perto do compadre João.

Aí no dia seguinte,
 Fui ver a destruição,
 Quando chegaram as máquinas da tal da mineração.
 Foram derrubando e escavando o chão.

Derrubaram o meu barraco e a casa do fugão,
 Destruíram o galinheiro e o paiol do feijão,
 Onde guardávamos os mantimento da nossa alimentação.
 Derrubaram o curral onde eu criava umas vaquinhas,
 Derrubaram o forno onde eu torrava a farinha,
 O engenho de moer cana e o piquete das galinhas.

Aí entrou no pomar causando o maior rebuo,
 Destruíram os meus cacaus,
 Castanheiras e cupús,
 Manga, cedro e a moreira e o pomar de cajus.

A iniciativa de comunicação do campo popular dos cordéis do Ceará do Pará faz parte de uma longa barricada neste campo na região de Carajás, onde constam inúmeros panfletos, jornais e boletins, produzidos mesmo durante os anos da ditadura, a exemplo do Jornal Grito da PA 150.

O jornal ainda produzido em mimeógrafo era uma iniciativa do movimento sindical dos trabalhadores rurais e segmentos da Igreja Católica, que tinha como principal bandeira de luta à época a tomada dos sindicatos das mãos dos “pelegos”.

Tem-se ainda, o Jornal do Cepasp, as rádios comunitárias da década de 1990, bem como a produção de místicas, teatro, canções e audiovisuais mais recentemente. E, mesmo um festival de cinema que privilegia os sujeitos colocados em condição de subalternização na região, o CineFront, já em sua 8ª edição, realizado pela Unifesspa e os movimentos sociais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os cordéis produzidos pelo intelectual orgânico Francisco Gomes, o Ceará do Pará, assim como os produzidos durante o surto da economia gomífera, possibilitam uma leitura sociológica sobre as relações de poder que as experiências desenvolvimentistas têm introjetado no sertão amazônico.

Um cipóal de projetos marcados pela acumulação primitiva, que socializam junto ao conjunto da sociedade local toda ordem de passivos: social, ambiental e humano. Em um contexto contraditoriamente marcado pela riqueza, a degradação e o saque. Ao longo de mais de 50 anos da integração física da região, realizada a partir das rodovias Transamazônica (BR-230) e a Cuiabá-Santarém (BR-163), entre outras, e, mais de 30 anos da exploração das minas em Carajás, a região tem se notabilizado pela liderança regional em desmatamento, em trabalho escravo e violência no campo. Crimes marcados pela manto da impunidade.

É justo sobre estes cenários de tramas/dramas que versam os cordéis do Ceará, que a partir do recurso da comunicação popular, alcança os seus pares, e já começa a sensibilizar alguns educadores de universidades.

A produção foi viabilizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Marabá, cidade polo do sudeste do estado. A tiragem do primeiro livreto foi de mil exemplares, e a sua distribuição ocorria no próprio acampamento, onde era lido de forma coletiva, como recurso de formação, e ao mesmo tempo, de pilhéria contra os poderosos daquele contexto.

Os cordéis produzidos pelo Ceará do Pará, assim como as experiências pretéritas em comunicação do conjunto do movimento social envolvido na luta pela terra, tem buscado afrontar o status quo da sociedade vigente, e uma fração de classe assentada no controle de vastas extensões de terras, bem como de esferas públicas estratégicas à sua reprodução econômica, política e social.

A comunicação dos cordéis, assim como as demais experiências aqui citadas, enquadra-se como contra-hegemonia, como realça Gianotti (2004) ao revisar as contribuições do pensador Gramsci sobre o debate da categoria hegemonia. Ao refinar as reflexões de Lenin, o pensador italiano realça para a necessidade em conjugar convencimento (persuasão) e força na busca de uma outra sociedade para além das lutas de classe.

Neste sentido, o conjunto dos movimentos envolvidos na luta pela terra na Amazônia, ao mesmo tempo em que irrompem sobre as cercas do latifúndio, também têm eivado esforços em lavrar uma comunicação do campo popular ou contra-hegemonia, e em passar a História a contrapelo.

Sobre a questão Marques (2022) indica que cumpre à experiência o papel de passar a história a contrapelo, de insubmissão contra a conjuntura política desfavorável, bem como, o caráter contestador e de inconformismo diante das injustiças sociais e dos desmandos dos poderosos. E, como se invoca em ações camponesas na região do Araguaia-Tocantins: “quem morre calado é sapo de baixo de pé de boi”.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rogerio. **Territorialização do Campesinato no Sudeste do Pará**. NAEA/UFGA. Belém, 2012.

ASSIS, Izaías Gomes. HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL: DE PORTUGAL PARA O BRASIL (1851-1921). Universidade de Lisboa. Programa de Mestrado Bolonha em História. Lisboa. Dissertação, 2022.

COELHO, M.C. A CVRD e o Processo de (RE)Estruturação e Mudança na Área de Carajás (Pará). In: COELHO, M.C. & COTA, R. (org.) . **10 anos da Estrada de Ferro Carajás. Belém**. UFGA/ NAEA,1997, p.51-78

D’OLIVO, Fernanda Moraes. **O social no cordel**: uma análise discursiva. Campinas, SP: Unicamp, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/782494>. Acesso em: 29 de agosto de 2022.

GIANNOTTI, Vito. Muralhas da linguagem. 1º ed Rio de Janeiro: Mauad, 2004

LOWY, Michel. "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, São Paulo, n.25/26, p.20-28, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves e SILVA, Esequiel Gomes. A Literatura de Cordel nos Currículos Escolares: História e Resistência. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, 2016, p. 83-95.

MARX, Karl. **O Capital. Livro I**. Boitempo. São Paulo, 2018.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. **Mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional**. v. 8, n. 1, p. 141-187. jun. 2005.

PINHEIRO, F.V. **Acampamento de 2001**: a História construída e contada pelo trabalhador rural. Comissão Pastoral da Terra (CPT), Marabá/PA, 2001.

----- **Destruição da Amazônia**. Literatura de Cordel. Comissão Pastoral da Terra (CPT), Marabá, 2018.

Francisco Valter Pinheiro Gomes. **Entrevista remota**. Março de 2023.

----- **Impactos da Mineração. Literatura de Cordel**. Comissão Pastoral da Terra (CPT), Marabá/PA, 2011.

SALLES, Vicente. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SANTANA, Marcos Vinícius. AQUINO, Iago. MORENDE, Vinícius. Cordel: métrica e compasso na narrativa de causos brasileiros. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro-BA**, 5 a 7/7/2018.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O Brasil na linha do cordel: decolonialidade na reescrita da história dos silenciados. Entrevista especial com Francisco Cláudio Alves Marques. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/618631-o-brasil-na-linha-do-cordel-decolonialidade-na-reescrita-da-historia-dos-silenciados-entrevista-especial-com-francisco-claudio-alves-marques>. Acesso em: 10 de jane/2023







A AMAZÔNIA A PARTIR DA OUTRA MARGEM DO RIO

Entrevista com Francisco Gomes (Ceará do Pará), dirigente do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), ambientalista e estudante do curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Unifesspa), concedida às extensionistas do projeto Luta pela terra na Amazônia, da Universidade Federal do Pará (Ufopa), no primeiro semestre de 2023, a partir de recurso remoto.

Nela, o cordelista fala de suas origens nordestinas, da paixão pela literatura de cordel, sobre sua chegada ao Pará na década de 1980, quando uma nova fase de integração da Amazônia ganhava forma, tendo como principal impulsionador o Programa Grande Carajás (PGC).

Francisco trata da família, da longa prole, resultado de casamentos e ajuntamentos. Emocionado, conta das perdas de seus companheiros de lutas, assassinados durante o percurso de luta pela terra. Ceará faz parte de um exército de nordestinos que foram atraídos pela propaganda

oficial do Estado, pela ilusão de riqueza fácil em garimpos ou expulsos pelo flagelo da seca e da ação de oligarquias.

No Pará, cerrou fileiras nas barricadas da luta pela terra na região mais sangrenta do país. Uma atividade de elevado risco. Na literatura, encontrou uma forma de apreensão da realidade envolvente, e um recurso de passar a história a contrapelo.

É a partir deste instrumento de comunicação popular que Ceará atravessa o cortejo dos vencidos, desafina o coro dos contentes e dos adoradores dos monumentos coloniais, encharcados de sangue do povo ancestral.

A opção de Francisco é a contramão, é a janela da história a partir dos vencidos ou os colocados em condição de subalternização, como tem sido recorrente o uso. A apropriação privada da terra, a cerca, o gado a violência, a impunidade, as injustiças são objetos de sua literatura. Há sangue e indignação da lavra produzida por Ceará. Privilegiado observador dos dramas e fagulhas de utopias no delicado front de Carajás.

Extensionistas – Primeiro gostaríamos de agradecer a sua generosidade em conceder a entrevista para o nosso projeto de extensão. Apesar da distância física, a tecnologia colabora para a aproximação do nosso diálogo. E esperamos estar à altura da sua trajetória de luta, e que o resultado desta iniciativa seja satisfatória para todos. Neste sentido, a gente gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a sua trajetória. Nome, o seu nascimento, a cidade que senhor nasceu, quantos casamentos o senhor teve, quantos filhos, qual a sua formação, e como o senhor chegou ao Pará. O senhor poderia fazer o relato?

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – Sem problema. Eu nasci no sertão do Ceará, no município chamado Quixadá. Terra de contadores. Eu cresci em uma comunidade à beira de um rio chamado Choró, numa comunidadezinha chamada Juá, que é o fruto do Juazeiro. Eu nasci ali, cresci, e fui para Fortaleza. Nasci na década de 1960, tenho 12 irmãos, cinco mulheres e sete homens. Sou o mais velho da turma. Os estudos foram precários, realizados em escola pública, no formato de multisseriado, lá no Ceará. Em meu percurso casei duas vezes, e tive uma união estável. Tenho um casal do primeiro relacionamento, Márcio e Joelma. Mais quatro do segundo relacionamento, Deise, Poliane, Walter Junior e a Wald. E tem outros de relacionamentos esporádicos. No total, tenho 12 filhos, cinco homens e sete mulheres. Tenho 10 netos e uma bisneta. Como estava falando, passei um tempo em Fortaleza, onde eu cuidava de uma cantina, na Universidade Estadual do Ceará, no campus de Itaperi. Foi muito bom para mim. Eu tive ali uma base mais turística, mais organizada nessa história. Eu participava das reuniões do centro acadêmico e do DCE. Ali a gente teve uma base política mais ou menos do que devia fazer na agricultura. Nunca esquecendo as nossas raízes. Sabendo que tudo que eu estava acumulando seria para aplicar na nossa realidade de camponês. Meu pai é agricultor, é filho de agricultor, neto e bisneto de agricultor. Nós vivemos ainda hoje na mesma propriedade que eu nasci e que era do meu bisavô, e trabalho ainda com agricultura. Com muita dificuldade, porque tem muita seca no Nordeste. A terra ficou muito pequena para a gente lá, e eu queria mesmo era uma terra para mim, mas a terra do meu pai, dos meus avós, era uma pequena; uma terra

dividida para 12 filhos. Essa história é uma muito longa, eu vou procurar resumir. Quando eu ouvi falar que a Amazônia era uma terra sem homem, para homem sem terra, aí eu eu me dirigi para cá. Eu disse: Eu tenho que ir para o Pará, porque se tem terra sem homem para homem sem terra, a terra é para mim, porque eu não tenho! E aí eu vim para cá, vim pro município de Santa Maria das Barreiras. Isso ocorreu no final dos anos 1980, e quando eu cheguei aqui, já tinha pouca terra para muito homem, e a gente já topou foi com violência no campo e a gente teve que resistir; nós ocupamos uma fazenda chamada Agropecus, no município de Santa Maria das Barreiras, e é nesse acampamento em primeiro momento, e em seguida como assentamento que eu fui ameaçado de morte por ser liderança de quem tava lá dentro, que era muita gente também querendo terra. Eu me solidarizei com eles e formamos uma associação chamada Associação dos Trabalhadores Rurais da Agropec. Eu fui o presidente da associação, depois fui para o sindicato, e em seguida fui para Secretaria da FETA-GRI Sul e Sudeste do Pará. Atravessamos muitos momentos difíceis na ocupação e na resistência pela posse da terra. Tivemos vários embates que terminaram com morte de alguns companheiros sindicalistas, muitos tombaram e ficamos muito no meio dessa coisa toda. Quando a gente vai contar (eu conto muito a minha história em cordel), a gente se emociona e chora, porque contar a história dos outros é uma coisa, mas contar a história, que tu viveu, é muito doido, saber que os assentamentos no sul e sudeste do Pará foram conquistados a custo de sangue de trabalhadores. Então, isso da gente estar dessa maneira, tentando resistir, a gente tem esse legado dessas pessoas que

morreram para a gente estar assentado. Não me acharam, não morri, tô por aqui. Vamos aos casamentos. Fui casado lá no Ceará, me divorciei e casei de novo, divorciei de novo. Além de amores e decepções amorosas que a gente tem no meio do caminho, a minha escolha contribuiu muito para que a nossa relação não desse certo, porque eu tinha que viajar muito por conta de perseguição e fugir das ameaças de morte. Além dos compromissos com a minha mulher, a gente tinha que sair e deixar tudo em casa, inclusive a mulher, que ficava sozinha aguentando o rojão todinho, é difícil!. Então, eu tô aqui divorciado, no sul do Pará, minha família está toda no Ceará. Hoje eu tô no projeto de assentamento da Agropec e só tem um dos meus filhos que está comigo, ele já é casado, tem a casa dele e tudo, tem um comérciuzinho e está mais perto de mim. Os outros estão espalhados por esse mundão. Hoje eu estou cursando Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), no primeiro período. Nesses tempos sombrios que a gente atravessou, de perda de direitos, de incerteza para onde a gente ia, foi preciso nos esforçar e entrar na universidade. Está sendo lá que eu estou tendo uma base melhor de educação e a gente precisava continuar, estamos hoje no campus 3 em Marabá, e pretendo dialogar os saberes para que a gente possa encontrar o caminho, construir juntos um crescimento, uma educação que possa nos libertar e nos encaminhar para o caminho que devemos ir. Descobrir da onde viemos, aonde estamos e para onde queremos ir.

Extensionistas – A gente sabe que é um tópico sensível para o senhor, mas o senhor poderia contar para a gente

um pouco mais sobre as mortes dos seus companheiros, se for tudo bem. Detalhar um pouco mais como foram as ameaças sofridas e como se deu a perda dos companheiros.

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – É, realmente falar dessas tragédias eu não fico muito confortável. [Choro] a gente perder os irmãos na luta é muito dolorido. Estar na luta é como se colocasse a cabeça na forca para ser assassinado a qualquer hora. O exemplo do Zé Cláudio e da Maria dos Espírito Santo, moradores de Nova Ipixuna, que foram assassinados, tem o caso do Dom e o amigo dele que agora me foge da memória o nome [Bruno Pereira]. Isso foi muito ruim para nós, ver alguém morrer. No nosso acampamento, não foi uma luta tão grande com fazendeiro, era mais com madeireiro. Eu ocupei essa área que hoje eu estou, de um madeireiro, e foi ele quem me ameaçou de morte, não só eu, mas outros companheiros que estavam comigo. E como eu era presidente da associação, eu era o alvo de quem ele queria para assassinar. Cheguei a dormir no mato muitas vezes, porque não podia ficar no barraco. Plantei a minha roça com uma arma a tira-colo, como a gente chama. E a gente plantava um pouco de mandioca, um pouco de feijão, um de milho e levantava a cabeça para ver se alguém não tava vindo para nos assassinar. Mas depois o Incra veio, assentou a gente e melhorou um pouco. Mas, se você colocar na lista, Exedito Ribeiro, João Canudo e muitos outros companheiros que tombaram na luta, é doído para a gente contar. Eu tenho me emocionado bastante contando essa história porque eu sinto como se fosse comigo, porque ou era eles ou eu. Eu dormia no mato detrás do pé de Ipê e isso me livrou muitas vezes de mor-

rer. No inverno era muito difícil, porque a gente não podia dormir no barraco, e andar de dia também era muito perigoso, às vezes eu tinha que sair, quando a coisa começou a “coçar”, eu tive que viajar. Eu fiz uma viagem pro Ceará, fiquei na casa de alguns companheiros para não ficar sozinho. Mas assim... essas coisas foram passando, movimento sindical não atendia mais a nossa reivindicação, que era a organização da produção, porque a gente tava assentado, mas não tinha organização, e aí nós inauguramos o MPA, o Movimento dos Pequenos Agricultores, que hoje é o movimento que eu tô aí na coordenação, e sempre nesse intuito da gente ir procurando caminhos, tanto para a produção, quanto para a preservação, para permanecer na terra. Foi uma luta grande para a gente entrar na terra, agora para permanecer é uma luta maior ainda...o agronegócio está se aproximando, dentro do nosso terreno do assentamento já tem bastante pessoas pulverizando o agrotóxico, dando problemas para as abelhas, e eu sou apicultor, crio bastante abelha, não só eu, nós fundamos uma associação. No campo da educação tem a Casa Familiar Rural (CFR), que se tornou nosso coletivo de educação, e a gente tem esses dois eixos, que é a produção e a educação andando junto dentro do nosso projeto de assentamento, e dentro da nossa organização, em Santa Maria das Barreiras. Mas, ainda é difícil, e nunca faltou luta. Eu penso assim: “quando vai parar um dia?”, porque termina uma e começa outra. Agora nós temos que ser fortes para não ceder a esse apelo do agronegócio, que eles vem aí, ou matando o dono da terra para comprar mais barato da viúva, ou colocando veneno nos grãos para prejudicar os pequenos agricultores, ou oferecendo dinheiro. Quando eu cheguei

aqui no assentamento, o lote era uma bicicleta, uma moto velha, uma arma, qualquer coisinha você trocava por um lote. Hoje eles oferecem 200 mil. E com o abandono que esse governo do “bozo” aí deixou para a gente, eles nunca viram esse dinheiro na vida e muitos deles tem saído por conta desse apelo, por não ter assistência no campo e tem que vender as terras para esses fazendeiros. Sem falar nos grandes projetos que se aproximam cada dia mais e encarece e ameaça os territórios aqui.

Extensionistas – A outra questão que a gente tem é sobre o projeto de assentamento que o senhor citou. Nós assistimos um documentário que fala sobre a agroecologia, que vocês tanto trabalham. A gente queria saber mais sobre como foi instituído esse assentamento e como foi a organização da luta.

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – Esse assentamento... Bem, eu sempre digo que o governo federal nunca assentou ninguém. Foi nós que forçamos esse assentamento. Já tinha gente dentro antes, mas as primeiras organizações foram no ano de 1990, 1991, por aí. Depois que veio a demarcação. Talvez até fora do lugar, das etapas. A minha terra foi demarcada e depois foram dizendo “isso agora é teu” e tal, dizendo “tenha cuidado que nós não podemos garantir a tua vida”. Esse assentamento tinha capacidade para duas mil famílias, hoje se nós tivermos 500 famílias é muito. Você não poder permanecer na terra por falta de apoio das políticas públicas, você vai desmanchando e vendendo. Ou você tem uma ideologia mesmo para dizer que a terra é coletiva e que o sangue dos camaradas não

pode ser vendido, ou você sair mesmo, porque a pressão para desocupar o território é muito grande. Eu sempre digo que o desenvolvimento desses caras é desenvolver quem está envolvido. Então, tinha muita gente envolvida na agricultura, na produção de alimento, mas são desenvolvidos!. Saíram da terra e estão na cidade e é como se eles tivessem desenvolvido. Desenvolvimento na verdade não é para nós, o que soa na cabeça das pessoas, “ah vamos desenvolver, vamos melhorar”, aqui, na verdade, é uma coisa ruim... porque tira os caras do envolvimento deles e coloca para o outro lado. Sem falar na ferrovia que está planejada, que vai passar pela nossa região, a famosa Ferrogrão, um dos projetos que tem impactado muito a nossa região. A hidrovía que agora também não é descartada e muitas outras coisas, então, ameaça o cerrado que está devastado, a mata da Amazônia já existe pouco, só existe em reserva para quem trabalha com agroecologia, com abelha, com peixe, para poder manter a floresta inteira, porque o gado tem desgastado. Então, essa organização para produção é isso, hoje o pessoal precisa organizar o leite para saber de quem é, porque você fica no anonimato, e quem aparece é quem compra o leite. A gente fica muito preocupado com isso, hoje o maior produtor de leite é a Parmalat, Nestlé e outros que não têm uma vaca, então a gente fica pensando, como é que alguém que não tem uma vaca e é o maior produtor de derivados do leite? Então a exploração de produção é muito forte na nossa região.

Extensionista – Agora, mudando mais para parte da escrita, da sua escrita, queríamos saber como e quando o senhor começou a gostar da literatura de cordel? O que o senhor lia?

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – Olha, a literatura de cordel está no meu sangue! São raízes da onde eu vim. A literatura de cordel foi uma das coisas pra eu não esquecer das minhas raízes, e quando fizemos essa história – que a gente estudava muito a história dos outros –, mas o que a gente ia fazendo no dia a dia ia ficando esquecido, com um pouco de tempo, a gente já não lembrava mais e ninguém falava mais desse negócio, e a coisa ia ficando para lá, “morreu Expedito”, aí ninguém fala mais no Expedito, “Morreu João Canuto” ah, ninguém se lembra mais do João Canuto, está entendendo? Ah, “morreu o Chico Mendes, como a gente vai fazer pra colocar o Chico Mendes em evidência para não ser esquecido”? Frei Henry, tem que colocar o Frei Henry em evidência, para escrever. Eu tenho uma frase: “se nós não escrevemos a nossa história, quem vai escrever?” Então, eu passei a escrever, a começar colocar no papel os acontecimentos, a partir dos grandes acampamentos, no ano de 2001, onde nós acampamos no INCRA. Nessa época, nós conseguimos mobilizar 16 mil pessoas de todos os assentamentos do Sul e Sudeste do Pará. E, esse acontecimento foi muito bonito, onde nós paramos o trem, fechamos a ferrovia de Carajás, o trem parou, andou de ré, o pessoal achou muito engraçado, porque não sabia se o trem andava de ré e tal, aquela história toda. Eu fui desafiado pelo pessoal da CPT, na época, a escrever. “o senhor escreve alguma sobre o assentamento”, e eu comecei, por estar ali esperando a pauta do INCRA e a resposta da pauta das nossas reivindicações, eu comecei a escrever, o que foi o meu primeiro cordel, foi sobre acampamento que a gente fez na frente da sede do Incra, e o pessoal imprimiu, fizeram aí 1000 exemplares, acho. Isso rodou no

meio das associações, dos movimentos sociais, das entidades de trabalhadores, escolas, universidades, pesquisadores. A gente foi entregando esse material e o povo foi lendo, por conta da linguagem que é boa de ler, pessoal se adapta muito a linguagem do cordel. E isso foi deixando que a gente ficasse mais curioso para escrever sobre mais coisas. Depois, o Cepasp (Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular) tava nessa discussão aqui nessa região, através do Raimundinho que – o Rogério Almeida conhece bem –; nós estávamos aqui para discutir sobre o avanço da mineração, como a mineração vinha avançando, tanto aqui no sudeste, como também andando para o sul. Tomando conta ali do que tinha de minério, de estudos para a mineração, aí ali naquela região de Tucumã, São Félix do Xingu, aí foi subindo mais para a Floresta do Araguaia, hoje está em Santa Maria das barreiras, já no extremo, da beira do Araguaia, já tem mineração e a gente fez esse outro cordel sobre o avanço da mineração. Aí, por último, agora nós começamos a ver mesmo a destruição da Amazônia! O que a gente enxergava, as mudanças das paisagens, como a mata ia tombando para dar lugar a capim, à criação de gado e outras coisas, aí nós atentamos também para a escrever sobre a devastação, a destruição mesmo da Amazônia. Nós fazemos uma linguagem muito crítica, um documentário, eu considero como documentário aqui dessa região, e a história do campesinato mesmo da Amazônia é rara, você não encontra muita coisa hoje sobre campesinato na Amazônia, e a partir desses cordéis, o campesinato foi ficando mais em evidência, o pessoal foi falando mais de campesinato, fomos criando uma educação diferenciada. É uma contra hegemonia do que está

aí colocado como hegemônico, é preciso que se faça de todas as maneiras: na luta, na escrita, no cordel, na tese de vocês...está entendendo? Precisa ser colocado isso, independente da ideologia que vocês venham a ter, mas esses dois projetos de disputas não fogem de ninguém, quem tá no meio desse negócio está vendo que é tiro para todo lado, e a gente se mantém no cordel, inclusive, minha história de vida não foi muito bem contada, porque nós não tínhamos alguma coisa, por causa do tempo, e agora nós tivemos o seminário que discutiu sobre esses dois projetos de disputas, e a minha história de vida foi também nesse rumo de cordel. É uma história de vida, de educação, de como fomos educados, uma educação específica, doméstica e outro tipo de educação que aprendemos com nossos avós e bisavós, nossos antepassados; e também foi preciso ver imagens que nos marcavam, imagens que a gente tinha na memória há muito tempo, e foi muito proveitoso, teve uma diversidade muito grande, eu aprendi muito com os nossos companheiros quilombolas, ribeirinhos, pescadores... tem uma diversidade muito grande de gente boa contando histórias que nos completam, como uma brincadeira de roda que vai rodando e passando pela história de cada um, foi muito proveitoso. Eu tô gostando muito de estar nessa turma, uma turma muito tranquila e boa. Então é isso, na escrita nós denunciemos, no cordel nós mantemos nossas raízes! E vamos continuar sempre que formos desafiados para fazer alguma coisa, se a gente tiver informação do que está acontecendo, a gente pode continuar essa escrita, continuar denunciando para que a nossa história não seja apagada. Horácio Martins de Carvalho, quando foi escrever o livro "Campesinato no século

XXI”, ele reclamava sobre essa história da falta de história do campesinato na Amazônia, porque, como os moradores pioneiros dessa região foram apagados da história, assim como o rastro que se passa o pé em cima, a história também do campesinato contém uma vontade de visibilizar essa história dos indígenas, quilombolas. Sempre consideram o nosso território como território sem ninguém, um lugar vazio, onde qualquer um pode chegar, invadir e pronto. Porque na realidade, o território da Amazônia, os verdadeiros grileiros são esses caras que vem aí, dizendo que são pioneiros, que fizeram esse negócio da colonização aqui na nossa região. Isso para mim... eles são os piores grileiros, e tiveram muito apoio, tanto da justiça, como dos cartórios que fizeram título falso, fizeram tudo para que eles tivessem o pretexto de expulsar os camponeses que estavam naquelas áreas, mas a Amazônia nunca foi, nem nunca será terra vazia, nunca, jamais! Por que todo mundo sabe que a Amazônia tem gente, tem bicho, tem diversidade, tem árvores, tem tudo isso que precisa ser preservado. Como posso considerar isso terra de ninguém?

Extensionista – Sobre os seus cordéis, quem apoiou a criação deles? Como foi a organização do primeiro livro?

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – Quem organizou e financiou a impressão do primeiro livro foi a CPT. Eu não tinha condições de fazer isso. O segundo já foi o Thiago, filho do Raimundinho, que fez a capa, xilogravou, aquela história toda, que já deu aí uma cara diferenciada pro cordel. Esse cordel do avanço da mineração também foi ele, e o CEPASP financiou a impressão, o outro foi a CPT novamente.

Extensionista – O senhor citou a CPT algumas vezes e a pergunta que surge é: qual a importância que a CPT tem na sua vida e nesse processo de luta pela terra?

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – A CPT, para nós, tem uma importância muito grande, inclusive, nós estamos continuando o que a CPT começou aqui com a gente, porque na época, a CPT tava aqui. Eu tava lá em Conceição do Araguaia e a CPT veio também nessa organização, nós tínhamos um grupo de diversificação da produção, antes nós tínhamos as Comunidades Eclesiástica de Base (CEBs), e aí a gente precisa falar de Frei Henry, que todos esses assentamentos do Sul e Sudeste do Pará, de um jeito ou de outro, tem o dedo do Frei Henry. Então, a nossa gratidão ao Frei Henry, a nossa gratidão à CPT, é porque a CPT se tornou algo muito importante para nós, tanto na parte da produção, como na parte jurídica. Hoje, o Batista, o nosso advogado, é a figura que a gente preserva, e a gente tem medo também que aconteça algo com ele, porque nesse negócio do trabalho escravo, ele está muito na frente; trabalho escravo, derrubadas, expulsão de camponeses, a gente vai tudo para lá, é o Batista quem está na frente desse negócio e a equipe jurídica da CPT, então, para eu falar dessa história, sem falar da CPT, seria uma história incompleta, então, a CPT está sempre em evidência. Não é porque a CPT financiou a impressão, é pelo valor que ela tem para nós, valor histórico, valor contemporâneo, de companhia mesmo, de amigos. Frei Henry era companheiro de a gente andar junto visitando os projetos de assentamentos, e nós tivemos um contato muito próximo com ele, com o Batista, com a Aninha, de Xinguará, foi assim uma pessoa muito importante

também para a gente no começo, quando a gente começou tudo. A CPT veio aqui para Xinguara, nós ficamos lá, mas a gente aprendeu uma coisa: ande com os pés de vocês, nós não somos muleta. Ainda me lembro disso. Então, a formação ficou com a gente, a gente se apropriou das formações que tivemos com a CPT, com as assistências técnicas; na época do governo Lula tivemos assistência técnica dentro do projeto de assentamento. A gente trabalhava muito essa coisa da conscientização, e a gente foi continuando. Então, hoje eu sou apicultor por causa da CPT, que financiou um pequeno projeto, lembro ainda que eram duas caixas, uma centrífuga para o grupo, e isso não era dado, era uma coisa que você tinha que pagar com a comissão, então, foi uma coisa que incentivou a gente a produzir e hoje eu posso dizer que a minha maior renda é do mel, de própolis, de cera e de outros derivados das abelhas. Então, as abelhas hoje me sustentam, preservo elas e elas me sustentam. É muito bom, eu sempre digo pro pessoal que o meu mel é o melhor mel do mundo, e até que alguém me prove o contrário, vai continuar sendo. É isso!

Extensionista – Tem algo mais que o senhor ache relevante acrescentar, que o senhor queira compartilhar?

Francisco Gomes (CEARÁ do Pará) – Eu acho assim, que o movimento sindical, quando não atenderam mais as nossas demandas, porque é uma demanda específica da produção e tudo, quando eles não nos acompanharam mais, e depois se racharam também com a FETRAFI, ficou os dois rachados aí, que enfraqueceu a base. Hoje eu considero que na base mesmo, de sindicato, eu acho que as

estruturas maior estão nas cidades, mas no campo mesmo está muito difícil. Mas assim, o que eu quero acrescentar é que o sindicalismo que a FETAGRI e a CONTAG fazem possui um peso muito grande nesses assentamentos que foram feitos aqui, CPT e FETAGRI estavam sempre juntos. E foi assim um grande movimento, uma grande ocupação de terra por parte dos sindicalistas. Ainda têm alguns municípios que o sindicalismo é muito forte, mas infelizmente, lá no nosso, está deixando muito a desejar, e por isso, o MPA assumiu esse negócio da organização dos trabalhadores, e até mesmo essa coisa da ocupação de terra. Nós temos aqui no Norte, no extremo Norte do país, uma terra do MPA, e que a luta deles lá foi por terra, o pessoal que se agregou ao MPA nessa discussão de Campo e Cidade, dessa formação que a gente vem procurando dialogar com o povo da cidade. Eles ocuparam, tem três ocupações, uma já está liberada, que é a Monte Sião, a outra é Virgílio Serrão Sacramento em Moju e a Raimundo Manuel em Tauá, ali nos arredores de Belém. E não é orientação nossa ocupar, mas em cada lugar tem suas necessidades. A necessidade do povo era por terra, então, o MPA entrou ali naquela região ocupando mesmo e estão lá, resistindo. Tem duas ocupações lá que está para decidir, que são ocupações pacíficas, nunca houve briga, vieram um dia lá pensando que a gente era o MST, aí depois “não, nós somos pequenos agricultores” e tal.. e ficou assim... Uma coisa engraçada, porque não é nossa meta, a nossa meta é a organização da produção dentro desses assentamentos e não a ocupação, está entendendo? Mas eles entraram por esse lado. Nós apoiamos, eles estão lá, a produção está aí, está muito bom. Mas no sul do Pará não, no sul do Pará já não precisa tanto da

gente está ocupando. Está precisando mais da organização dentro da produção, da comercialização, para a gente ir atrás de legislação que permita a gente comercializar os excedentes da nossa produção para as farmácias e supermercados, sem ter abuso do nosso produto ser tomado por baixo preço, porque assim, uma coisa que eu queria acrescentar aqui, é que o agricultor hoje, com esse negócio da comercialização, ele está quase um marginal, um ladrão... tem que andar com a produção escondida para ir para a cidade... queijo, por exemplo, desde que o mundo é mundo, o camponês faz queijo, mas se você vier com queijo para a cidade, você é interdito no meio do caminho, e eles te tomam tua produção e colocam creolina, aquela história toda. E a gente está procurando organizar dentro da legislação que a gente possa comercializar. Uma agroindústria dentro dos padrões. Mas a dificuldade que nós estamos encontrando é, porque, não existe duas legislações, só existe uma, tanto faz você construir uma pequena queijeira, é a mesma coisa que construir um latifúndio, ou melhor, é a mesma coisa que você construir um laticínio para uma multinacional dessa. Então, tem vezes que a gente não tem condições. Nós já temos uma casa do mel, temos a Casa Familiar Rural, mas a comercialização ainda é uma luta, para a gente ter uma comercialização livre, ter um selo agroecológico, alguma coisa dessa natureza, que até agora nós não temos. Então, é luta por cima de luta, não para nunca, tudo que a gente vai fazer aqui é muito difícil, é muita luta que tem que enfrentar. E isso nos permite permanecer na terra, se não, vende e vai embora.



AGRI
ST
PT

REFORMA
AGRÁRIA
JÁ!

TERRA
LIVRE

LUTA
PELA

RILDO BRASIL



ACAMPAMENTO DE CAMPONESES EM MARABÁ DE 2001 – A PELEJA CONSTRUÍDA E CONTADA PELO TRABALHADOR RURAL

Meu Deus do céu me ajude
Lhe peço neste momento
Para eu contar a história
Do nosso acampamento
De tudo que aconteceu
Vou falar neste momento.

Dia 22 de abril
Do ano de 2001
Eu cheguei de manhãzinha
Ainda estava em jejum
Comprei dois pães pra merenda
Só aguentei comer um.

De cavadeira na mão
Comecei a traçar meu jirau
Estava armado o barraco
Feito de lona preta e de pau
Nos dias de ocupação
Nesse chão sensacional. (grifo meu)

Comigo chegou Valdenira
O Brasileiro e o Seu João
Chegou também Daniel
E a mulher do Zé do Cão
Veio ainda Dona Lourdes
Com a vassoura na mão.

Foi logo varrendo tudo
O fogo já estava em chamas
Chegou Luzídio e Severo
Tomando um guaraná Brahma
Enquanto o Moacir trazia
As madeiras do IBAMA.

Logo depois foi chegando
Companheiro de tudo que é canto
Era gente ocupando a terra
E engrossando o movimento
Pois o desejo em plantar (grifo meu)
Cada vez ia aumentando.

Todo esse povo queria (grifo meu)
Ser membro da reunião
Tinha gente de toda banda
De São Domingo e São João
De Marabá e Itupiranga
Reivindicando seu chão. (grifo meu)

Veio gente de São Félix
Para o caldo engrossar
De Conceição e do Peba

De Bannach e Jacundá
Xinguara e Canaã
Gente de todo o Pará. (grifo meu)

Depois de todos chegados
Foi feita a divisão
E todos os companheiros
Entraram nas comissão
Pra tocar pra frente o trabalho
Exigir mais compaixão. (grifo meu)

Na partilha do trabalho
Pra tudo bem ocorrer
Foi o primeiro a ter chegado
Geraldo da CPT
Queria fazer justiça (grifo meu)
E a injustiça conter. (grifo meu)

Como sempre sem faltar
Estavam de prontidão
Fazendo o guarnecimento
Solino e seu pelotão
Todo o nosso acampamento
Já de cacete na mão.

A equipe da segurança
Mantinha assim a vigília
Guardando o nosso povo
E toda sua família
Não dava pra vacilar (grifo meu)
Nossa vida é garantia. (grifo meu)

A equipe da organização
Nada deixava faltar
Nem lona, farinha ou água
Tinha até mesmo um altar (grifo meu)
Pra acomodar Jesus Cristo (grifo meu)
E quem quisesse rezar. (Grifo meu)

Na equipe de animação
Era uma correria só
Pois dela é que dependia
A nossa rádio cipó
Trazendo informação (grifo meu)
Fresquinha que nem jiló. (Grifo meu)

Com esse povo reunido
A coisa tava beleza
A rádio tava arrumada
Vai começar a destreza
A coisa tinha percurso
Não se falava em tristeza. (grifo meu)

Na terça de tardezinha
O pátio tava lotado
E esse povo do Incra
Já ficou bem preocupado
De ver tanta gente junto
Em só dois dias passado.

Toda a representação
Estava por merecer
Tava as associação

A FETAGRI e a CPT
Falando de coisa boa (grifo meu)
Só vendo mesmo pra crê. (grifo meu)

Lembrando bem desta data
Para eu não esquecer
O Sindicato também tava,
Junto com o MST
Fazendo muito barulho (grifo meu)
Coisa mais linda de vê. (grifo meu)

Vamos ao acampamento
Que é o que nos interessa
Pra negociar a pauta
Todos estavam com pressa
Sem saber que a coisa toda
Estava dando as avessas.

Fomos pra maçonaria
Nesse dia deu tristeza
Foi quando o Dr. Darwin
Falou com toda franqueza
Se não tem acordo aqui
Eu me levanto da mesa.

Aí eu vi o povão
Começar a reclamar
Um dizia, outros diziam
Ali ele não vai passar
Foi quando o Paulino disse:
"Hoje a cobra vai fumar!"

Ele não se retirou
Vendo um beco sem saída
E Paulo Conder do lado
Parecia da embaixada
Pedindo pra seu comparsa
Usar uma espingarda. (grifo meu)

Começaram a discussão
Com desânimo e com tristeza
Eu vou ver se me recordo
Com toda a sutileza
Qual era o nome do povo
Que estava compondo a mesa.

Estava o Paulo Conder,
Gerente da região
O Senhor Paulo Rebelo
Que prestava atenção
O prefeito de Novo Repartimento
E a prefeita de Baião.

Estava o José Lima
Deputado estadual
Fazendo pra todo mundo
Um discurso teatral,
E o Darwin Boerner Júnior
Com uma cara de pau.

Estava do nosso lado
Batista da CPT
Nonatinho da FETAGRI

Que é PT pra valer,
E também o Parazinho
Que é do MST.

Estava o seu Geraldo,
Que é da FETAGRI do Sul,
Olhando o movimento
Disse: "Hoje vai dar cumbú"
Daqui nós não tira nada,
Desse bando de urubu!"

Nonatinho começou,
A provocar um debate
Da história do movimento,
Foi fazendo um resgate
Foi quando se levantou,
O presidente da AMAT.

E foi logo defendendo
Uma tal de parceria
Que a pauta da FETAGRI
Ele também defendia
Foi quando a plateia disse
"deixa de falar heresia"

Também pediu do governo
Que entrasse na discussão
O demagogo falou
Com toda disposição,
Em criar um grande projeto
Para nossa região.

A negociação não andava
E a noite vinha chegando
Um falava, outro falava
E eu já estava me zangando
E aquele tal de Silvestre
Só estava atrapalhando.

A reunião foi suspensa
Por conta da confusão
Ali ninguém entendia
Aquela situação
Decidiram voltar outro dia
Pra seguir com a discussão.

Toda noite era uma festa
Sem ter o que comemorar
Mas pra esquecer a mazela
Que estava a nos esperar
Então com o som do Manelito
Começamos logo a dançar.

Pra curar só tinha um jeito:
Dançar brega e forró
Até às três da matina
Regue, fanque e carimbó
Cantar versos bem rimados
Prosa de atar um nó. (grifo meu)

Quando foi no outro dia
Olha só o que ele aprontou,
O doutor Darwin do Incra

Falou que tudo furou
Que não queria conversa
Com tal de trabalhador.

Deu as costas e saiu,
Como que estava irado
E nós embaixo da lona
Ficamos muito irritado.
O que aconteceu pra frente
Eu vou contar o resultado.

Foi feita outra assembleia
Com as associações,
E com nossos sindicatos
Para tomar uma decisão
De sair para cidade
Mostrar a situação.

Sáímos em passeata,
Do Inkra para Marabá.
Cerca de dez mil pessoas,
Ali podia contar
Todos falando em voz alta:
O grito " ACORDA PARÁ!"

Contornamos Marabá
Mostrando insatisfação;
Dos nossos trabalhadores
Com aquela intransição
Parece que esse governo
Só governa pra ladrão.

Se não vejamos aqui
Que o Brasil tá indo mal
O escândalo do IBAMA
Da Sudam e do Lalau.
Tudo é feito pra banqueiros
E o povo passando mal.

Sou um proletariado
Que filhos tem uma renda
O que faço seu doutor
Não dá pra comprar merenda
E a mulher do Dr. Jader,
Sendo dona de fazenda.

Só com o dinheiro pra criar sapos,
Como aquele da CPI
Lá no meu assentamento
Dava pra mim construir
As vicinais de asfalto
Pra nós entrar e sair.

Deixando os ladrões de lado
Voltando pro movimento
Na caminhada de volta
Chegando ao acampamento
Analisando direito
Aquele acontecimento .

Reunimos as lideranças
Começamos a conversar
Estava presente o Jackson

A Rita e o Cajá
E falou que lá no BASA
Nós precisava avançar.

Foi montado uma estratégia
Pra abrir a negociação
Por que um tal de Miranda
Só queria confusão,
Descredenciar a cooperativa
Se fazendo de patrão.

Ocupamos de manhã
A agência de Marabá,
Não tinha ninguém lá dentro,
Mas estava pra chegar
E a multidão gritava:
"Aqui ninguém vai entrar!".

Passamos ali o dia,
E a comida foi pra lá,
O Manoelito no som:
Ali botou pra quebrar
E a superintendência
Abriu pra negociar.

Saiu uma comissão,
De Marabá pra Belém;
Tentando negociar
Os problemas que aqui tem
A nossa assistência técnica
E o PRONAF também.

O povo do acampamento,
Tomava uma decisão
De fazer uma passeata,
Mostrando a insatisfação.
E também pra reforçar,
A nossa negociação.

Já tinha até reunião
Na agência iniciada
Quando pra superintendência
Uma ligação foi dada,
Que novamente a agência
Estava sendo fechada.

Disse o doutor Trindade
Não tem mais essa reunião,
Eu cancelo agora mesmo,
A nossa negociação
Com a agência fechada
Mudou a situação.

Mas o companheiro Beto
Disse isso é uma ofensa,
Não tem orientação
Pra se fechar a agência,
Quem mandou fechar foi vocês,
Então use a consciência.

Falou o Trindade e disse,
Como quem tava cansado,
Mandei fechar a agência

Isso é fato consumado.
Você sabe muito bem
O que houve o ano passado.

Abrimos a reunião
Com esse fato novamente,
Começamos a expor,
Os problemas existentes,
O Trindade concordou
Com toda a pauta da gente.

Quando chegamos de volta,
Na cidade de Marabá,
O sol estava queimando,
Era um calor de rachar
E a turma se reunindo
Pra uma ação realizar.

Ocupamos a rodovia
Nesse dia se deu conta,
Que a força do movimento
Pra batalha tava pronta
E a imprensa noticiou
Marabá estava por conta.

Foi feito ali um protesto
De uns quarenta minutos,
Marabá ficou parada
Parecendo estar de luto
E o movimento ali,
Com poder absoluto.

Dia 1° de maio
Fizemos outro protesto,
Reclamamos do governo
Naquele ato indigesto
De nos deixar sem resposta
Vocês já sabem o resto.

Foi mandado pra Brasília
Dos líderes, outra comissão
Para estabelecer
Outra negociação
Mas o Incra de Brasília
Deu as costas, disse não.

O povo se reuniu,
Em uma madrugada fria,
Eu não me esqueço jamais
Da noite daquele dia
Que nós todos decidimos
Ocupar a ferrovia.

Nesse dia eu vi pavor
De homem, mulher e velha
Um com febre outro com gripe
E outros com diarreia
Muitos cagado ficou
Quando batista falou:
"Que a coisa era mesmo séria!"

Chegamos à ferrovia,
Um dia de madrugada
Ali estava escuro,

Eu não tava vendo nada
O Amarildo com a lanterna
Procurava a estrada.

Eu ia com uma bandeira
Empunhada com a mão,
Correndo em cima dos trilhos
Com toda a disposição
E alguém gritando do lado:
"Viva a revolução!"

Cobrimos os trilhos da Vale,
Com pau e pedra pra danar
E as bandeiras dos movimentos,
Estavam a acenar
Os trilhos estavam ocupados
E o trem conseguiu parar.

Voltando um pouco na história,
Foi agora que eu lembrei
Quando o amigo Firmino
Que estava naquele mei
Foi quando exclamou bem alto
"Aquela praga não tem frei?"

Eu disse compadre agora
É que nós vamos saber,
Que lá vem o trem da Vale
Buzinando pra valer
Daqui a pouco nós sabe
O que vai acontecer.

Se tem frei eu não sei
Só sei que o bicho parou
Acendendo os faróis
Que a todos clareou
Quando nós fomos pra cima
O desgraçado voltou.

Disse o Manoel Monteiro
Vocês todos deram fé
Eu juro por todos santos
E até por minha mulher,
Se tinha frei eu não sabia
Quanto mais se dava ré.

O dia amanheceu
Parecia estar normal
Mas vocês podiam ver
O interesse do jornal
Que mais tarde chegaria
A força policial.

Quando vimos nosso nome
Veiculado no Jornal
A narração da dona Bia
Da tal Tv Liberal
Foi quando nós preparamos
Para o desfecho final.

Ao meio dia soubemos
Da notícia verdadeira
Que chegaria no aeroporto

Um bando de cabroeira
Do governo estadual
Pra fazer a bagaceira.

Chegou um oficial
Com um mandado na mão
Dum tal juiz federal
Pra fazer desocupação
De todos os trilhos da ferrovia
Era nós, querendo ou não.

Quando eu soube da notícia
Eles tão vindo pra cá
Nos trilhos da ferrovia
Comecei a orientar
Que sentemos todos em fila
E aqui vamos esperar.

Um diabo de helicóptero
Começou sobrevoar
O nosso acampamento
E eu comecei a olhar
Só via nego fugindo
Por dentro do Jaraguá.

Saíram na rodovia
Foi o maior desespero
Catando espinho de malícia
No meio do tabuleiro
Neste dia meu cumpade
Sabão deu muito dinheiro.

Mas nós em cima dos trilhos
Do povo fazendo a lista
Daqueles que resistiram
Aquela grande conquista
Enquanto no aeroporto
Negociavam Hernandez e Batista.

O Batista da CPT
Começou a negociar
Com um tal Major Cardoso
Da polícia militar
Apoiado pelo Hernandez
Da SDDH.

Batista disse Major
Nós precisamos de tempo
Para convencer nosso povo
Nesse amargo momento
Tem uns que até são pacíficos
E outros, sei lá, só o tempo.

Ó Major lembre o que houve
Em 17 de Abril
Quando morreu dezenove
Fora o resto que sumiu
Eles nunca vão ter medo
Das balas do teu fuzil.

Aqueles homens ali
São homens muito direito
Não teme nem mesmo a morte

Vão morrer de qualquer jeito
Entre morrer de malária
Ou com uma bala no peito.

O Major disse Batista
Nós vamos desocupar
E as armas que nós trouxemos
Agora vamos usar
O Batista olhou e disse:
"Tenha calma militar!".

O Batista disse Major
A responsabilidade é toda minha
Conheço as leis do país
E à noite tudo perde a linha
Deixe que eu tire o meu povo
Amanhã de manhãzinha.

O Major disse, pois bem
Vamos em ti confiar
Eu garanto para vocês
Que hoje nós não vamos lá
Mas amanhã bem cedinho
Nós vamos desocupar.

O Batista da FETAGRI
Nem deixou amanhecer
Falou no som bem com força
O que nós ia fazer:
" Ou nós sai desses barraco
Ou o coro vai comer!"

O pobre do brasileiro
Acordou já na surdina
Lavou os olhos ligeiro
E calçou logo as butinas
Só que ele calçou errado
Vocês todos imagina.

Saímos em passeata
E outros de caminhão
Vinha eu e o Aldenir
Com a bandeira na mão
Nela estava escrito CUT
Orgulho e satisfação.

Nosso companheiro Neto
É homem sem ter assombro
Passou por cima de um carro
E os dois levaram um tombo
Não quebrou nem um só osso
Mais na perna fez um rombo.

Chegando em frente ao INCRA
Onde nosso povo estava
Soubemos, era a notícia
Que os companheiros chegava
Da viagem de Brasília
Com muita conversa fiada.

Diziam eles, companheiros
Nós não podemos avançar
O INCRA estava seguro

Para nós argumentar
Só na pauta da CONTAG
Nós vamos negociar.

Então ficou acertado
Na noite daquele dia
Que logo bem de manhã
A discussão correria
E a pauta negociada
Mesmo sendo mixaria.

Primeiro foi São Geraldo
Depois foi Tucuruí
Estava escutando tudo
O Gutemberg e o Larri
Quando chegar a minha vez
Quero tá longe daqui.

Agora vamos falar
Na hora de Conceição
Quando o pessoal do sul
Bateu com o pé no chão
Aqui não entra traíra
Começou a discussão.

Foi uma tarde inteirinha
Pra esse povo acalmar
Se entrar Central aqui
A coisa vai arruinar
Por volta das oito horas
Conseguimos contornar.

Ficou para outro dia
Toda aquela situação
Só entraram três traíras
Da Central da associação
Ficando lá na plateia,
Na mesa não senta não.

O negócio foi tranquilo
Conseguimos avançar
O executivo do INCRA
Resolveu colaborar
Só faltava São Félix do Xingu
A negociação aceitar.

A confusão foi travada
Mas conseguiu avançar
O Marlon com muito jeito
Conseguiu palma arrancar
Só faltava resolver
Com o povo de Marabá.

De volta pra discussão
Com o povo de Marabá
Foi tranquilo resolver
Com essa banda do Pará
Difícil foi entender
A central e associar.

Depois da pauta já feita
Concluída e fechada
Fizemos mais reunião

Pra discutir as estrada
Reunião por município
Foi uma discussão danada.

Mas conseguimos fechar
Como colegas e irmãos
As estradas pros PAs
E a desapropriação
Quando foi no outro dia
Desmanchamo o barracão.

Deixamos o acampamento
Com muita satisfação
Mais uma vez foi suprema
A vitória da união
Demos adeus aos amigos
Com arrocho no coração.

Vou terminar esta história
Desse nosso movimento
Foi dia 11 de maio
Desmontamo o acampamento
Vamos continuar a luta
"Abra o olho e fique atento!".

Termino aqui meus versos
Eu acho que foi assim
Tudo aconteceu um dia
E tudo teve esse fim
Deixo aqui minha homenagem
Ao companheiro Dezim!





A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA PELA BESTA FERA DO CAPITAL

A destruição da Amazônia
começou com fazendeiros
com grande extensão de terra
vigilada por pistoleiros
com recursos da SUDAM
isto foi muito dinheiro.

O pretexto da SUDAM
era o desenvolvimento
no Sul do Pará fizeram
logo um acampamento
promovendo a miséria
e trazendo muito tormento.

Derrubaram as nossas matas
patrimônio nacional
expulsaram seringueiros
com força descomunal
e nosso extrativistas
ainda hoje passa mal.

Quem vivia de extração
de fruta, borracha e ouro
foram expulsos pras cidades
devido o grande estorvo
de burgueses truculentos
que em tudo tocava fogo.

Com abertura da Transamazônica
começou a entregação
invadiram a floresta
das terras da união
os burgueses e fazendeiros
vindo de outra região.

Quando olho a rodovia
a tristeza me consome
foi aí por esta estrada
que ainda hoje tem o nome
que trouxe homem sem terra
para essa terra sem homem.

Homens vindo do Nordeste
fugindo da fome, da seca lá do sertão
procurando terra fértil
para produzir seu pão,
mas em vez de liberdade
só acharam escravidão.

Estes homens que vieram
eram bons na produção
fizeram uma abertura

perto do seu barracão
uma roça para plantar
muito arroz, milho e feijão.

Vivendo abandonado
na beira da rodovia
o que tinha com fartura
era somente água fria
e a malária era a febre
fazendo sua companhia.

Mas por serem homens fortes
poderão sobreviver,
plantando sua rocinha
para ter o que comer
e era no extrativismo
que encontravam prazer.

Descobriram o açaí,
bacaba e cupuaçu,
a borracha das seringas,
o tacacá e o angu
que fazia da mandioca
plantada no munduru.

Descobriram a castanha
tucumã e o cajá
aqui na Região norte
chama-se taperabá
e disseram estas matas
não se pode derrubar.

Continuaram a lida
fazendo sua farinha
criando pato e peru
porco e também galinha
até chegar um barão
dizendo esta terra é minha.

Olha aqui a escritura
eu posso até de provar
quem concedeu para mim
foi o governo federá
você vai sai daqui
por que preciso explorar.

Mas se não quiser sair
Fique como agregado
Que te pago bom salário
para derrubar o mato
o camponês e extrativista
disse: isso é boato.

Foram expulsos da terra
por esta especulação
das terras da rodovia
pra fazer povoação
e os nossos camponês
fica sem poder na mão.

Com mão de obra farta
foi fácil para o barão,
entrar derrubando a mata

com gesto de escravidão
que foi este o grande mal
de toda esta região.

As matas foram caindo
batendo as ramas no chão
de longe se ouvia o gemido
daquela destruição
do lugar das grandes matas
hoje tem braquiarão.

Sem falar na ferrovia,
olha essa situação, (grifo meu)
a madeira-Mamoré
que causou a destruição
e ficou assim conhecida
por ferrovia do cão.

Os madeireiros também
se apossaram dessas terras
para exportar a madeira
aqui fizeram uma guerra
expulsando e matando
camponeses e sem-terra.

Aí veio o agronegócio
para implantar a ação
dizendo que vaca branca
dava a sustentação
com dinheiro do governo
começaram criação.

Aí a destruição
começou acontecer
queimadas descontroladas
pra ver o pasto crescer
Destruindo fauna e flora
Como todos podem ver.

Foi aí que foi criado
o movimento ambiental
para proteger a floresta
deste desastre fatal
e a UDR, também
montou o seu arsenal.

Aos nossos ambientalistas
foi feito grandes caçadas,
a quem tentasse proteger
a floresta ameaçada
por uma bala de rifri
sua cabeça era achada.

Assassinaram seringueiros
e garimpeiros nossos irmãos
e as pequenas propriedades
foi mira da invasão
até mesmo o Chicos Mendes
foi pra esta execução.

Mataram o ambientalista
com truculência voraz
e os pequenos proprietários

com força do capataz
foram expulsos de suas terras
sem poder voltar atrás.

Com Chico assassinado
a revolta aumentou,
com força, fé e amor
na cidade de Anapú
irmã Dorothy com bravura
outra luta ali travou.

A irmãzinha das matas
dos pobres e das nascentes
dos pequenos e dos rios
que defendia a natureza e a gente
só por que fazia isso
os fazendeiros irados a mataram cruelmente.

Observem companheiros
como tudo se passou
quem tentou defender as matas
sua cabeça rolou.
Mas de Chico Mendes a Dorothy
a história não mudou.

Com a morte da missionária
e a prisão dos pistoleiros
houve um pouco de temor
por parte dos fazendeiros
mas nunca abandonaram
seus instintos carniceros

Deram um tempo nas chacinas
para poder procurar
outra vítima na floresta
para voltar a matar
encontraram duas vítimas
bem perto de Marabá.

Os pistoleiros chegaram
com toda sua tirania
atiram em José
depois mataram Maria
e esses dois ambientalistas
tombaram na terra fria.

E os moradores pioneiros
que habitavam a região,
Nossos companheiros índios
não aguentando a invasão
oferecem resistência
pra continuar no chão.

Hoje clamam por justiça
O governo nem tá ouvindo
Nesta mesma proporção
o capital vai surgindo
e as terras dos indígenas
cada vez diminuindo.

As reservas dos indígenas
está entregue ao capital
para serem destruídas,

um desastre ambiental
Aí vai crescendo os males
na Amazônia Legal

A destruição das matas
por hidrelétrica é um afronte,
construindo capital
também fazendo desmonte
de quem estava nas áreas
como foi em Belo Monte.

Em Tucuruí também
ali não há alegria
com a construção da barragem
veja só que tirania:
moram debaixo da rede,
mas não consegue energia.

Esta destruição toda
em nome do crescimento,
afogando a floresta,
matando nosso alimento,
onde os índios e os extrativistas
tiravam o seu sustento.

Com esse tal crescimento
e sua aceleração
aqui na nossa Amazônia
tá passando um furacão
de queimadas, hidrelétricas
e também mineração.

Agora as siderúrgicas
estão causando outro mal
onde tinha mata virgem
hoje estão plantando pau
para cortar e queimar
o desastre é sem igual.

O projeto do capital
é o ferro gusa em questão,
pois o lucro é muito fácil
com toda essa invenção
onde tira o eucalipto
fica a desertificação.

E a tal Reforma Agrária
onde vai se encaixar
com a herança que trouxemos
dos governos militar
só com organização e luta
a coisa vai melhorar.

Foram criados sindicatos
e as associação
de modelo popular
pra ir construindo o chão,
tentando voltar pra terra,
pra produzir nosso pão.

Porque nas grandes cidades,
nas florestas não dá mais,
o jeito é ocupar

o que deixamos pra traz
mesmo que pra tudo isso
enfrentamos capataz.

Estourou a ocupação
em todo nosso Pará
e os grandes fazendeiros
começaram se organizar
com a velha UDR
pra destruir e matar.

Nós só tinha Deus no céu
para poder nos proteger
e os nossos aliados
que veio nos defender
o SDDH junto com CPT
nós não queremos morrer. (grifo meu)

Frei Henry para mim é
herói da revolução,
nos ajudou a entender
nossos direitos então,
em todos os assentamentos
tem a nossa gratidão.

Meu amigo frei Henry
é um companheiro fiel
desempenhou seu trabalho
confiando em Deus do céu
hoje em cada assentamento
nós somos o teu troféu.

Continuando a falar
de todos os fazendeiros
sua organização
pra matar os pioneiros
que tem nesta região
a marca de pistoleiros.

O alvo era sindicalista
começou em Rio Maria
assassinaram Expedito
Com grande selvageria
João Canuto também
com a maior covardia.

Aí a revolta cresceu
com toda força e poder,
pela organização
como todos podem ver,
tendo apoio jurídico
desta nossa CPT.

Com Frey Henry no comando
a Fetagri avançou
ocupando latifúndio
e dando ao trabalhador
foi um grande movimento
que aqui se instalou.

No julgamento do Expedito
Gerônimo foi condenado
isto em toda Amazônia,

foi um fato inusitado
pela primeira vez na história
um fazendeiro enjaulado.

Neste grande julgamento
tinha gente e babão,
todo povo se alegrou
e bateu o pé no chão
com grande grito e voz alta
VIVA À REVOLUÇÃO.

Com este fato pioneiro
a reforma agrária avançou,
feita na lei ou na marra
como alguém já falou.
Caindo cerca e porteira
e povo pobre passou.

Foi criado o MST
movimento sem igual
para ocupar latifúndio
com organização total,
fazendo a terra cumprir
sua função social.

Aí veio o UDR
e o governo estadual
pra reprimir o movimento,
estavam feito chagal,
hoje na Curva do S
existe o memorial.

E nada de reforma agrária
Como a lei determina
tenho visto ocupação
com prisão, morte e chacina,
força desse latifúndio
que ainda hoje predomina.

Viva as organizações
dos movimentos sociais
e nossa Via Campesina,
destemida e capaz.
Que estamos fazendo aqui
o que o governo não faz.

Com o governo do Lula
cresce uma esperança
de sair Reforma Agrária
com alguma segurança,
saiu Lula entrou Dilma
e o discurso não avança.





RILDO BRASIL



O DRAGÃO DA MINERAÇÃO EM CARAJÁS

CAMARADAS E COMPANHEIROS,
Depois da destruição
Da nossa fauna e da flora,
Com a força de um vulcão,
Veja o desenvolvimento
Que traz a mineração.

Depois de ter destruído
A Serra dos Carajás,
O buraco é tão grande
Que não se tampa jamais,
Avançaram para o sul
Com a destruição voraz.

Primeiro foi Ourilândia
E São Felix do Xingu,
A mineração chegou
Feito um bando de urubu,
Para arrancar o minério
E instalar o império
Do centro norte pro sul.

O império da Vale
Avançou para a floresta,
Escavando e pesquisando
Aquilo que ainda resta
De riqueza em nossas áreas,
Veja se esta história é a que presta!

Expulsaram com força bruta,
O pobre e o camponês,
Comprando por micharia
A terra por sua vez,
Dizendo-o, o subsolo
Não pertence a vocês.

O povo sem entender
Toda aquela falação,
Dos doutores de gravata
Que veio da mineração,
Ameaçando agricultores
De toda essa região

Vimos para a cidade,
Compramos uma barrquinha,
Lá na ponta da rua
Que nem luz e água tinha,
Nem quintal para criar
Os porcos e as galinhas.

Vendi os meus animais
Por não ter onde criar,
Os meninos na escola

Sem ter como estudar,
E eu sem terra também
Para poder trabaiaí.

Fiquei na periferia,
Vagando o destino meu,
As coisas valorizaram,
Só quem não valeu foi eu,
Mais a Vale e a Onça Puma
Cada vez mais se ergueu.

As terras dos meus vizinhos,
Foram mais valorizadas,
Principalmente aqueles
Que resistiram a empreitada,
Dizendo num saio daqui,
Aqui é minha morada.

Mas os agentes da Vale,
Vinham todos de uma vez,
Com o dinheiro e dizendo,
Aproveita a tua vez,
Por que dinheiro é o que não falta
Pra poder pagar vocês.

Dizia o compadre Chico,
Com muito amor e altivez,
Eu nunca vou vender minha terra
Inclusive pra vocês,
Mas a oferta aumentava
E eu sonhava outra vez.

Ele dizia consigo:
Quando aqueles cabra vier,
Vou pedir um preço alto,
Quem sabe, heim, ô muié,
Se eles num desistirem
E largarem do meu pé?

No outro dia os agentes,
Voltaram com a decisão,
Diga quanto quer na terra,
Que te pagarei então.
Aí eu disse: é dez vez,
O que pagaste pro João.

O agente disse, tá feito,
Vou te pagar nesta hora,
Quientos mil tou te dando,
Ponha-se daqui pra fora
Agora a terra é minha,
Te arruma e vai te embora.

Eu fui na cidade às pressas
Em busca de um caminhão,
Com meio milhão no bolso,
Com toda animação,
E comprei um barraquinho
Perto do compadre João.

Aí no dia seguinte,
Fui ver a destruição,
Quando chegaram as máquinas

Dessa tal mineração.
Foram derrubando tudo
E escavando o chão.

Derrubaram o meu barraco
E a casa do fugão,
Destruíram o galinheiro
E o paiol do feijão,
Onde guardávamos os mantimento
Da nossa alimentação.

Derrubaram o curral
Onde eu criava umas vaquinhas,
Derrubaram até o forno
Onde eu torrava a farinha,
O engenho de moer cana
E o piquete das galinhas.

Aí entrou no pomar
causando o maior rebu,
Destruíram os meus cacaús,
Castanheiras e cupús,
Manga, cedro e a moreira
E o pomar de cajus.

Foi aí que percebi
O tamanho do grande mal,
O que eles destruíram
Tem um valor sem igual,
Não há dinheiro que pague
O que é sentimental.

Eu sai dali chorando,
Com um aperto no peito,
E voltei para a cidade
Pensando nesse conceito,
Onde está a justiça,
Cadê mesmo meus direitos?

Aí chamei meu vizinho,
Vem aqui compadre João.
Ele disse: eu já vou compadre
Amigo Chico Bicão.
Tu pegaste uma bolada
Dessa tal mineração.

Ele respondeu e disse
Com uma dor no coração.
Não há dinheiro no mundo
Que paga a destruição,
Que aquelas máquinas fizeram
Dentro do meu coração.

Vou amargar a minha vida
Morando aqui na cidade,
Vendi a vida que eu tinha
Na minha propriedade,
Hoje guardo as lembranças
E amargo essa saudade.

Não sei por onde ficou
O meu velho barracão,
No lugar da minha roça,

Tem hoje um buracão,
Onde tiraram a riqueza
Ficou a destruição.

Sem falar nesses impactos
Que se criou em nosso meio,
Ao invés de desenvolver,
Aumentou o aperreio,
Os inchaços na cidade,
O desequilíbrio é feio.

A poeira na cidade
Vinda da mineração,
Causa alergia no povo
Que tosse feito cão,
Isso também é o progresso
Vindo da mineração.

Prostituição infantil
Por pedófilos indecente,
Que paga a preço de ouro
Programas pras inocente,
Garotas que passam fome
São da camada carente.

Todas expulsas da terra
Sem ter água e nem pão,
As filhas prostituída
E os filhos são ladrão,
Isto é parte do progresso
Que traz a mineração.

As escolas não cabem as crianças
Que chegam de caminhão,
O aluguel é muito caro
E falta coordenação,
Isso também foi progresso
Que trouxe a mineração.

As cidades que agora
Já estão em extração,
Do minério valoroso,
Como da terra do João.
Só da primeira carrada
Tiraram cinco milhão.

E vai ficando pra traz
Miséria e destruição,
No nosso Sul do Pará
Vai haver revolução,
Quando a lavra chegar em Santa Maria,
Santana e Conceição.

Estou pensando agora,
Nos projetos de assentamento,
Onde os outros camponeses
Produz o nosso alimento,
E aonde a agroecologia
Vai buscando o seu sustento.

Meu povo vamos alertar
Pra mais uma invasão,
Já saíram os madeireiros,

E os fazendeiros então.
Agora a nossa luta
É contra a mineração.

No meu sítio ninguém entra,
Falo pro bem e não por mal,
Eu aqui preservo a vida,
O mato e os animal,
Destruir nossa floresta
É impacto ambiental.

No subsolo eu num mando,
Assim me fala a lei,
Essa lei que eu nunca li,
Onde está escrito eu não sei,
Mas no solo onde eu planto,
Preservar a vida eu sei.

Por cima da minha terra,
Não passa mineração,
Destruir a minha vida
E a minha plantação,
Eu nunca vou permitir
Mais essa destruição.

Mas é o que fala a lei,
Sobre mineração e questão,
Que está debaixo da terra
E precisa escavação,
Pois vem como os tatus,
Mesmo por baixo do chão.

Daqui eu não vou sair,
Tenho amor a minha terra,
Se for pro enfrentamento,
Eu enfrento até uma guerra,
Mas ficar sem produzir
Nunca deixarei a terra.

No solo que eu domino,
Eu também tenho direito,
Os direitos ambientais
Que me dar respaldo e eu não aceito,
Mais essa destruição
Naquilo que já está feito.





UNFESSA

TEsta 5/3



AS PELEJAS TERRITORIAIS EM CARAJÁS – A SAGA DO BICHO HOMEM CONTRA COM O CAPITAL

Meu cérebro se agita
Minha mente fica culta
Quando começo a pensar
Em tanto tempo de luta
Em toda esta região
Tem conflitos e tem disputa.

Tentando compreender
O Sudeste do Pará
Foi preciso perceber
Pesquisar e me esforçar
Pra conhecer bem de perto
Os conflitos do lugar.

Foi preciso conhecer
As formas de organização
De todo seu território
De luta e mobilização,
Pela luta, pela terra
Pela vida e pelo pão.

A nossa metodologia
Era o campo e produção
Ver o conflito em loco
Por terra e educação
Dentro desse território
Que nos causou emoção.

Nossa sistematização
Com ajuda do roteiro.
E as aulas preparatórias,
Mostrou o que vem primeiro
A saída pro conflito
A morte ou o desespero.

Em cada ponto de parada
Fizemos observação
Do território em conflito
Em busca de informação
Tirar foto e entrevistas
Com o povo da região.

Dia seis de fevereiro
De dois mil e vinte três
Por volta das oito e meia,
Desceu um de cada vez
Curiosos por conhecer
A COOPER/CUIA de vez.

Lá nos fomos recebido pelo
Filho de um agricultor
Que veio do IFPA
Com gesto de professor
Foi mostrando a dinâmica
Como tudo começou.

Disse como funcionava
Toda aquela ingrisilha
O formato de compra e venda
Era ele quem fazia
Lá nós vimos geladeiras
E um monte de câmara fria.

Tudo pra comprar as frutas
Do agricultor camponês
Só não gostei do gerente
Foi o que eu observei
Pelo o que ele falava
Não era do nosso mei.

Defendia o pacote
Que pertence ao barão
Adubo químico e veneno
Me causou decepção
Por ser todos camponês
Com essa contradição.

Saímos da agroindústria
Linha férrea Carajás
Foi fundada pra transporte
De gentes e minerais
E tudo mais que vier
É impactante demais.

Ela é a responsável,
Por toda a imigração
Do povo que vem pra cá
Por causa da mineração
Homens vindo do Nordeste
Das terras do Maranhão.

Hoje eu chamo esse trem
Transporte da ilusão
Porque nossos passageiros
Fica de chapéu na mão
Esperando as migalhas
Vindas da mineração.

O distrito industrial
Com sua subordinação
Abriga as guzerás
Que faz a transformação
Do minério em ferro gusa
E o combustível é carvão.

No distrito industrial
Tem toda a preparação
De logísticas, combustível
E também poluição
E derrubadas das matas
Pra transformar em carvão.

Sáimos para o IFPA
Dos Movimentos Sociais,
Visitamos as instalações
Com trabalhadores rurais
Com sua contradição
Tratado feito animais.

Foi uma conversa boa
Que conversamos por lá,
Com o amigo Carlinho
Que veio nos orientar.
O Carlinho deu início
Terminou com o Ribamar.

No dia sete saímos pra
Ver a contradição
A fronteira como terra
De disputa pelo chão
As terras dos camponeses
E sua reprodução.

Chegamos no acampamento
Do nosso MST
É o Helenira Rezende
De longe se pode vê
É símbolo de resistência
Do povo que quer viver.

Neste acampamento tem
Produção de alimento
E uma escola que ensina
A arte do movimento,
Para enfrentar o governo
Pra produzir seu sustento.

Enfrentando o latifúndio
Pra conquistar nossa terra
Numa luta desigual
Parece até uma guerra
Tem morrido no conflito
Trabalhadores sem-terra.

Fomos para o Eldorado
Na manhã do mesmo dia
Foi lá na Curva do S
Que se viu a covardia
Onde mais de dezenove
Caíram na terra fria.

Houve então neste massacre
Uma criminalização
Do consórcio carnicero
Que eu vou falar então
Do governo e latifúndio
Junto com a mineração.

Estas agroestratégias
É sim um barril de pólvora
Em toda essa região
Tem disputa que apavora
Pela posse desse chão
Haja espera e demora.

Na cidade de Eldorado
Nós entramos à direita
Deixando o Sul do Pará
Para fazer outra empreita
Descemos pra Curionópolis
Com uma memória perfeita.

Passamos no Frei Henri
É o nome do acampamento
Na Fazendinha assim chamado
Esse empreendimento
Hoje os trabalhadores
Produzem ali seu sustento.

Por ser terra de disputa
Tá difícil conquistar
O povo na contramão
Assim costumam falar
Mas só vamos conseguir
Depois de se organizar.

No acampamento existe
Ali um grande monumento
Homenagem a Frei Henri
Achei muito pertinente
O desejo realizado
De um amigo da gente.

Curionópolis é uma cidade
No meio da contradição
Crescendo desordenada
No meio da mineração
Perto da Serra Pelada
Foi outra decepção.

O projeto Serra Leste
Tem uma conformação
De uma frente mineral
Que causa destruição
De rios e igarapés
De toda essa região.

É tanta frente explorando
E saqueando as riquezas
Tem consórcio alemão
E de toda natureza
Poucos faz o contraponto
E muitos fazem a defesa.

Não podemos ignorar
Toda esta invasão
Deixando pro nosso povo
Uma herança de cão
O certo é que muito sai
E pouco se dá com a mão.

O projeto Serra Leste
Tem sua objetivação
De tirar ouro e cobre,
Tirar ferro, tirar pão
Da boca do nosso povo
Que está cultivando o chão.

O projeto S11D
Tem sua contradição
Com as letras e com os números,
Mostra a sua intenção
De ocupar território
Pra fazer destruição.

A duplicação da ferrovia
Pra transportar o minério
Com gesto de furacão
O negócio aí é sério,
Tudo aqui acelerou
Para implantar o império.

Acelerou a miséria
Duplicou a escravidão
Aumentou a mão de obra
E a sua exploração
Tudo isso foi pensado
No contexto da opressão.

Vamos continuar nossa viagem
Deixo a Onça Puma pra trás
Caminhamos indo direto
Pra Serra de Carajás,
Chegamos em Parauapebas
Já era tarde demais.

Caminhamos para Palmares II
E nós dormimos por lá
No outro dia ali
Eu comecei a gostar
Da discussão do IALA Amazônico
Construído no Pará.

Discutimos a agroecologia
E nosso jeito de viver
E o modo de organização
Que nós temos que fazer
Construir luta conjunta,
Que possa nos defender.

Visitamos as escolas
De currículos diferentes
O aprendendo na prática
Que é exemplo para a gente,
De escola popular
Eu fiquei muito contente.

Subindo mais para o topo
Da Serra de Carajás
Vimos a destruição
Que não esqueço jamais,
As cavas da destruição
É coisa feia demais.

Foi tantas cavas que vimos
Que me chamou a atenção
Por ser uma coisa feia
Com tanta destruição
O depósito dos estéreis
Nos causou preocupação.

Deixamos as coisas feias
De buraco e escavação
Descemos pra conhecer
A nossa preservação
Foi aí que podemos ver
O que é conservação.

Já falei de tantas coisas
Da terra e também do céu
E do bioma Amazônico
Pra ele eu tiro o chapéu
Pretendo falar da canga
Na escrita do cordel

É uma coisa tão linda
Que me chamou atenção
Por ser uma coisa nova
Já me deu inspiração
Foi a Flor de Carajás
Que vi na visitaçã

Ela é uma flor vermelha
De arbusto pequenino
Como tudo no bioma
Tem formato de menino
Mas a Flor de Carajás
Vai sempre sobressaindo.

Pra onde a gente olha
Se vê aquela beleza
Florescendo em todo canto
Com formato de princesa
É símbolo de resistência
Com a sua realeza

Ela é a flor mais bela
Que eu vi na natureza
Só tem formato de flor
Pra mostrar sua beleza
Vermelha da cor de sangue
Por obra da natureza

Ao conhecer esta flor
Por ela me apaixonei
Por ser uma raridade
Que nasce naquele mei
Não existe em outro canto
Foi o que eu pesquisei.

Na savana metalórfila
Não há uma flor como ela
Perfeita no seu formato
Bonita e tão singela
É quem sustenta a savana
No meio dessa aquarela

Deixemos a flor mais linda
De beleza contundente
Nascendo em cima das rochas
Como planta diferente
Com suas raízes penetrantes
Soberana e resistente.

O solo dessa savana
É pedregoso e bonito
Cheio de minério de ferro
Que é causa de conflito
Na Serra de Carajás
Entre o feio e magnífico.

Caminhamos numa trilha
Acidentada e tão bela
Chegamos em um capão
De uma beleza singela
Passamos por uma gruta
Saímos numa caverna.

Entramos numa caverna
Eu nunca vi como aquela
Escura como uma noite
Desafiadora e bela
Só podemos caminhar
Acendendo a lanterna

Exploramos o movimento
Que a natureza criou
Saímos do outro lado
Como bom pesquisador
Respeitando sua fauna
Que até causou temor.

Saímos impressionados
Por ser a primeira vez
Estou falando por mim
Vocês falem por vocês
Eu achei tudo tão lindo
Quero voltar outra vez.

Este é mesmo um bioma
Que desafia a ciência
Que atrai pesquisador
E que cria consciência
Para outros é atraso
E ficam sem paciência

Aqui não vale garimpo
Não vale mineração
Não vale furar a terra
Não vale cavar o chão
O que vale é preservar
Pra futura geração

Saímos dessa savana
E fomos para a floresta
Que faz parte do mosaico
Da flora que ainda resta
Prefiro falar das flores
E deixar o que não presta.

Exploramos uma trilha
Que não tinha embaraço
Por ser interpretativa
Seu nome é peito de aço
Muito bem sinalizada
Cada placa tinha um traço

Os traços mais pedagógicos
Que eu pude perceber
Elas vão nos ensinando
Eu pude até aprender
Que não vale desmatar
Aqui, o que vale é viver

Viva quem preserva a vida
Viva a nossa fauna e flora!
Viva o que há de bom
Nesse chão que se explora
Da violência do campo
A paz, o teu povo implora.

A UNIFESSPA também tem
Toda a minha gratidão
Por ter nos proporcionado
Esta viagem de chão
Para que a gente olhasse
Toda essa imensidão.

E aos nossos professores
Eu preciso agradecer
Por ter nos acompanhado
E ensinado o que fazer
Olhar, ouvir e observar
E a importância de escrever.

O professor Haroldo tem
A minha admiração
Por conhecer bem a história
De toda essa região
Em toda nossa viagem
Foi dando orientação

A professora Ananza
A bióloga competente
Nos ensinou tantas coisas
Com seu jeito inteligente
Seu sorriso, professora
Contagiou toda gente.

A professora Bonfim
Elegante e competente
Com as letras e linguagem
Foi mostrando para a gente
Que as letras e os números têm
sentidos bem diferentes.

A professora Paola com
sotaque diferente
Cuidadora e amiga hilária
E sempre bem sorridente
Seu método de ensinar
Deixa a sala mais contente

A todos os meus colegas
Que viajaram com a gente
Mostraram companheirismo
Interagindo e contentes
E ao final nós tivemos
Uma avaliação diferente.

Parabéns a quem olhou
Parabéns a quem ouviu
Para os que escreveram
E que amam o Brasil
Tem a nossa gratidão
O nosso ICMBIO.

Ceará do Pará - (Francisco Valter Pinheiro Gomes)

Marabá – PA, 12 de fevereiro de 2023.

Há uma enormidade de homens e mulheres do campo popular ainda colocados como invisíveis; indígenas, camponeses, quilombolas, entre outras categorias. Aos poucos, suas artes ganham muros, páginas, as redes sociais, auditórios, etc.

Ceará é um deles, ao registrar as formas de r-existência dos seus iguais, a exemplo do cordel que recupera a ação direta dos camponeses no início da década de 2000. Os grandes acampamentos de Marabá, como a ação ficou reconhecida, aglutinava perto de 20 mil pessoas na frente da sede do INCRA. O ato demonstra a enorme capacidade de organização do conjunto dos movimentos sociais ligados à luta pela terra, em plena conjuntura do avanço de políticas neoliberais.

Os cordéis de Ceará do Pará é uma lição, que alerta a todos que a mão que lava a terra, afronta as cercas do latifúndio, também se indispõe com as palavras, antes, monopólio de poucos.

A Literatura de Cordel aportou na Amazônia pelas mãos do nordestino que aqui chegou para trabalhar em três ciclos distintos: o da borracha, o do peonato e o da mineração. E em todos esses ciclos os cordelistas nos legaram importantes registros de fatos históricos, políticos e culturais, como diz o mestre Vicente Salles no seu premiado *Repente & Cordel*, referência maior desse gênero entre nós: “No Cordel, o poeta narra não só as tragédias dos seringais. Todos os motivos locais e nacionais, reais ou fictícios, atuais ou pretéritos, tradicionais ou não, fazem nascer dezenas de folhetos em versos”.

Atualmente, o que mudou, em verdade, foi o enfoque, a missão do poeta continua a mesma, agora, em vez dos conflitos nos seringais, são os conflitos agrários e a devastação ambiental levada a cabo pela extração de madeira e pela mineração, como bem retrata a obra do também nordestino Francisco Valter Pinheiro Gomes, o Ceará do Pará, radicado em Santa Maria das Barreiras, nas obras: “Acampamento 2001”, “A Devastação da Amazônia” e “Impactos da Mineração”. O Cordel, mais uma vez, se faz instrumento de denúncia de problemas sociais e degradação do meio ambiente.

Antônio Juraci Siqueira, Belém/PA.

Realização:



Apoio:



CESE

CAFOD

Just One World

ISBN 978-65-00-79008-5



9 786500 790085